



GESTÃO

Encontro finaliza Plano de Desenvolvimento Institucional

(Pág. 3)

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Poluição provoca doenças em golfinhos no litoral do Paraná

(Pág. 4)

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Tese destaca contribuição de operários na indústria

(Pág. 6)



Iniciativas contra a VIOLENCIA

Para entender e prevenir avanço de ações criminosas, especialistas realizam análises e criam soluções como softwares e indicadores sociais, organizam projetos para crianças e jovens em situações de risco e participam de parcerias da Universidade com órgãos da área de segurança pública (Págs. 8, 9, 11 e 16)

Fórum

Educação e sexualidade



A questão da sexualidade é um desafio ainda não resolvido no panorama da educação brasileira. Nem a escola nem a família mostram-se preparadas para lidar com as questões que surgem com o amadurecimento físico e psíquico de crianças e adolescentes. Sem uma formação adequada e apoio de especialistas, a maioria dos docentes do ensino fundamental e médio não consegue enfrentar os problemas originados no convívio com os alunos. No entanto, instituições educacionais, governamentais e população precisam incorporar a sexualidade como um tema fundamental do desenvolvimento dos indivíduos e da própria organização social. Os países que desde cedo abordam a reprodutividade que esse tema vem ganhando entre aqueles que dizem dar prioridade à educação e a educação como garantia de cidadania e liberdade.

É preciso capacitar docentes e incluir temática em escolas

Educação e orientação sexual de pessoas com deficiência

Experiência desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina

Quando o óbvio precisa ser constantemente reafirmado

Mary Helene Giamberini

Sandra Helena de Almeida

A escola e a questão sexual

O novo formato do *Jornal Unesp*

MAURÍCIO TUFFANI

Esta edição do *Jornal Unesp* chega aos seus leitores em novo formato. A mudança do tamanho de suas páginas deve-se principalmente à necessidade de viabilizar a impressão deste veículo de comunicação para um número maior de fornecedores de serviços gráficos. O formato anterior nos manteve presos durante muitos anos a um número muito restrito de gráficas nas licitações, o que nos trouxe dificuldades para exigir melhor qualidade de impressão e melhores prazos de entrega.

Nestes tempos em que cada vez mais se fala no fim dos veículos impressos, é muito gratificante receber constantemente

te solicitações de envio de nosso *Jornal Unesp*. Em 2008, por exemplo, o jornal passou a ser enviado para as salas de professores e bibliotecas de todas as escolas da rede estadual de São Paulo que oferecem Ensino Médio.

O aumento de sua receptividade teve impulso já no início da gestão 2005-2008, quando este veículo, em consonância com as novas diretrizes da Reitoria, passou a concentrar seu foco editorial muito mais na produção acadêmica da **Unesp** do que nas ações da Administração. Estas passaram a ser divulgadas de forma discreta no *Portal Unesp*, que por sua vez, no mesmo período, tornou-se muito mais ágil e incorporou novos espaços e mais serviços. E te-

remos em breve boas novidades em nossa comunicação por meio da Internet.

A gestão iniciada em janeiro deste ano reitera a diretriz de concentrar o foco de toda a nossa divulgação institucional na produção da Universidade em suas dimensões de ensino, pesquisa e extensão universitária. Outras importantes diretrizes serão instituídas no curto prazo, cumprindo um dos objetivos da dimensão Gestão e Avaliação Acadêmico-administrativa de nosso Plano de Desenvolvimento Institucional, que é estabelecer a política de comunicação da **Unesp**.

Maurício Tuffani é assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp.

■ **Opinião**

Perspectivas para educação infantil e ensino fundamental

SUELI GUADELUPE DE LIMA MENDONÇA
e SUELY AMARAL MELLO

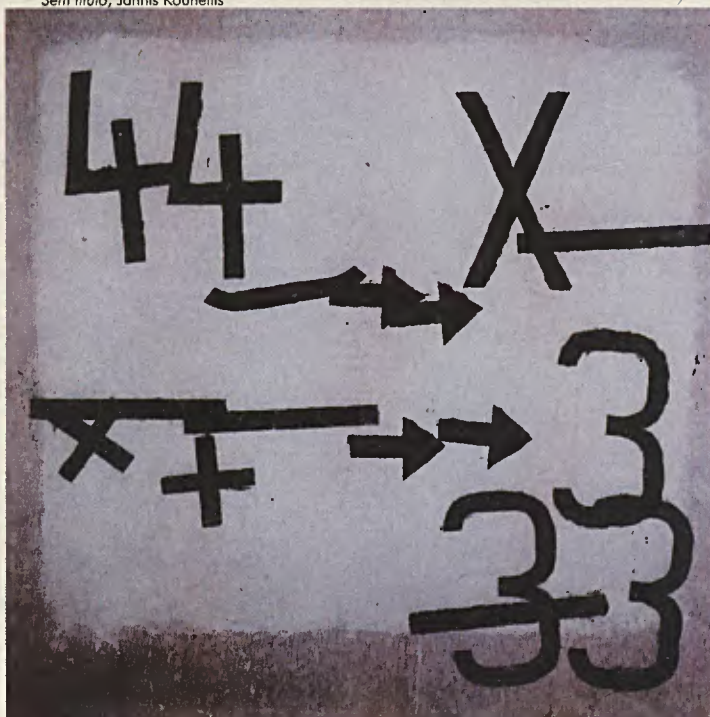
As perspectivas para educação infantil e ensino fundamental precisam ser compreendidas à luz das políticas educacionais mais amplas, em curso desde a década de 1990. A ideia do Estado mínimo, aliada à de racionalidade administrativa, vem se consolidando e transformando o direito à educação em mercadoria – uma mercadoria como as demais. A diferença é que, desta vez, é produzida e negociada pelo poder público, em consonância com o poder privado. O Plano de Desenvolvimento para a Educação (PDE), lançado em 2007 pelo governo federal, materializa a lógica da educação como mercadoria.

Medidas como diversificação de fontes de financiamento – parceria público-privada, fundações, redução nos investimentos públicos, entre outras formas –, novas modalidades de formação nos diferentes níveis da escolarização, ‘aligeiramento’ da formação de professores e do atendimento às crianças pequenas e aos alunos do ensino fundamental, com o menor custo possível, são metas prioritárias do governo. Assim, vimos o surgimento de cursos Normal Superior, os cursos seqüenciais e o ensino a distância (EAD) e Prouni tomarem o espaço da agenda política educacional, sob o discurso da democratização do acesso e da melhoria da qualidade da escola pública.

A escola dos nove anos é a velha/nova novidade no ensino fundamental, onde, sem novos investimentos e com discurso da democratização do acesso, o que temos na prática é a mudança das crianças que frequentavam a escola na educação infantil para o 1.º ano do ensino fundamental, sem proposta pedagógica que dê conta da especificidade dessa faixa etária, sem novas escolas, sem novos professores, sem condições materiais decentes para atender adequadamente às necessidades educacionais desse grupo.

Por trás da concepção norteadora do PDE e das políticas que o subsidiam certamente não está a preocu-

Sem título, Jannis Kounellis



pação com a formação integral de sujeitos históricos, mas sim o fetiche das tecnologias como saída para os problemas estruturais da educação brasileira. [...]

Duas outras preocupações que se apresentam: o parecer do Conselho Estadual de Educação/SP n.º 73/2008, que antecipa a idade mínima para a entrada da criança no ensino fundamental de seis anos completos para cinco anos e meio, e a Lei n.º 11.700/08, publicada no D.O. em 16/6/2008, apresentada pelo senador Cristóvam Buarque, que modifica a LDB e aponta o aniversário de quatro anos da criança como data da sua entrada na escola de educação infantil ou, na sua ausência, no ensino fundamental. Tal cenário aponta para o abreviamento da infância e para uma voraz antecipação da escolarização, inadequada, segundo as pesquisas, para o desenvolvimento humano na infância.

Enquanto isso, para a formação docente, o PDE recorre à Universidade Aberta do Brasil (UAB), com cur-

sos de formação inicial e continuada a distância, que parecem almejar a certificação em lugar da qualificação efetiva, esta encontrada nos cursos regulares, de maior duração, das instituições sólidas organizadas preferencialmente na forma de universidades. [...]

Especificamente na educação infantil, a política do conveniamento, leia-se parceria público/privada, no atendimento das crianças pequenas em creches e pré-escolas, vem-se constituindo na desresponsabilização do Estado frente à educação pública infantil. [...]

Somente com aumento significativo do financiamento da educação pública será possível pensar numa escola que tenha o professor com presença diária e jornada integral em um único estabelecimento de ensino, com efetiva participação na gestão escolar, na elaboração do projeto pedagógico, com envolvimento com a comunidade, com tempo para sua formação; um aluno numa instituição adequadamente preparada para atender suas necessidades de formação. [...]

Frente ao quadro, ou a sociedade se esclarece e se mobiliza, ou continuaremos amargando os últimos índices nas avaliações internacionais e – o que é ainda mais preocupante – continuaremos a postergar o direito de todas as crianças brasileiras a uma educação de qualidade.

Sueli Guadalupe de Lima Mendonça é docente do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília.

Suely Amaral Mello é aluna de pós-graduação em Educação pela FFC/Marília.

A íntegra deste artigo está no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço http://www.unesp.br/ac/idebate/perspectiva_educacao_sueli_e_suely.php

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal Unesp.



Encontro define ações e objetivos do PDI

Docentes, alunos e servidores finalizam plano com visão da Universidade para próxima década

Daniel Patire



Membros dos órgãos colegiados durante a votação das propostas: objetivo é garantir posição da Unesp entre as melhores instituições universitárias do mundo, na praza de dez anos

Membros dos órgãos colegiados centrais da Unesp finalizaram o processo de formulação e análise dos objetivos e ações do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Cerca de 120 docentes, servidores técnico-administrativos e alunos, reunidos em Águas de Lindóia (SP), no dia 17 de março, debateram as propostas encaminhadas pelas congregações das unidades, pró-reitorias, assessorias e por eles mesmos em reuniões anteriores.

O PDI é um documento em que se definem a missão da Universidade e as estratégias para que objetivos e metas sejam alcançados num prazo determinado. “Nosso plano projeta uma visão de

instituição em dez anos futuros, quando queremos estar entre as 200 melhores universidades do mundo”, explica o reitor Herman Voorwald. “Para isso, ele deve balizar as tomadas de decisão tanto da gestão quanto dos colegiados.”

O texto final do plano será encaminhado para homologação do Conselho Universitário (CO). “Os objetivos presentes no PDI acarretarão algumas mudanças estatutárias”, salienta o reitor.

O PDI permite um acompanhamento da evolução da instituição, por meio da avaliação de indicadores. “Ao analisar esses índices, podemos ver se as ações propostas obtiveram os resultados esperados”, esclarece Rogério Luiz Buccelli, assessor chefe da Assessoria Especial de Planejamento Estratégico. “Caso a resposta seja negativa, podemos fazer uma correção de rumo.”

Os indicadores são construídos a partir de um conjunto de dados que incluem as principais características e atividades de cada área, com indicação dos pontos positivos e negativos. Por exemplo, para a graduação, um indicador é o índice de aprovação e reprovação em um curso ou disciplina.

Buccelli ressalta que o documento é uma primeira etapa para a implantação completa do PDI. “Com a aprovação do texto, o próximo passo é elaborar as metas para cada objetivo e ações, e as estratégias para que as metas sejam atingidas”, diz.

Missão – O documento elaborado apresenta a missão da instituição focada na excelência do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão como forma de cumprimento do papel social da universidade pública. Ele apresenta também um histórico, o perfil e desafios a serem enfrentados nos próximos anos pela Universidade, como a reposição de docentes e servidores, devido à aposentadoria.

Para que a Unesp supere esses desafios e cumpra sua missão, o Plano estabelece seis dimensões: ensino de graduação; ensino de pós-graduação;

pesquisa; extensão e cultura; planejamento, finanças e infra-estrutura; gestão e avaliação acadêmico-administrativa. Cada dimensão contempla objetivos e ações a serem cumpridas no período estabelecido.

As proposições para a graduação foram sistematizadas a partir da expectativa de ampliação do contingente de alunos nos próximos dez anos. De acordo com a pró-reitora de Graduação Sheila Zambello de Pinho, entre os objetivos está a promoção da inclusão social no ensino superior, por meio de cooperação e apoio ao ensino médio.

Na pós-graduação, a proposta abrange metas e ações para elevar os programas à excelência, segundo a pró-reitora de Pós-Graduação Marilza Vieira Cunha Rudge. “A comissão responsável pelo PDI e as sugestões apresentadas pela comunidade descrevem uma seqüência de ações para superar a atual fragmentação dos programas, e também salientam a importância da internacionalização”, enfatiza.

“Nossa meta é dobrar a produção de artigos publicados em periódicos de destaque nos rankings internacionais nos próximos quatro anos”, enfatiza a pró-reitora de Pesquisa Maria José Soares Mendes Giannini. Com o objetivo de aumentar a visibilidade da Universidade no cenário internacional, o PDI invoca a necessidade de um plano para focar a pesquisa em grandes temas, como o biodiesel.

Já as atividades de extensão universitária foram amplamente descritas nos itens correspondentes a essa dimensão. Além disso, de acordo com a pró-reitora de Extensão Maria Amélia Máximo de Araújo, o plano garantiu a continuidade dos programas e projetos de impacto social, como os cursinhos e as empresas juniores.

Mais detalhes podem ser obtidos em http://www.unesp.br/ape//listagem_links.php?grupo_link=153

Daniel Patire

Ações em sintonia com o Plano

Algumas ações tomadas nos últimos anos já demonstravam preocupações e objetivos expressos no PDI. Entre elas, a inclusão de alunos do ensino médio oriundos de escolas públicas foi enfatizada no “Programa de inclusão social dos egressos da Escola Pública no Vestibular da Unesp”, da Prograd, de 2007, e na institucionalização dos cursinhos pré-vestibulares, da Proex, em 2005.

A busca da internacionalização nos programas de pós-graduação levou a Propg, em 2007, a destinar verbas para docentes que publicariam artigos em periódicos internacionais, além de outras ações em parceria com a Coordenadoria Geral das Bibliotecas (CGB). Com o objetivo de intensificar a pesquisa, a Prope promove o Ano da Pesquisa na Unesp. (Leia reportagem na página 10.)

D.P.

Poluição afeta saúde de golfinhos

Levantamento no litoral norte do Paraná constata duas doenças de pele em 17% dos animais

Golfinhos que vivem no estuário de Paranaguá, no norte do Paraná, mostram que a região, onde fica o porto de mesmo nome, está mais contaminada do que se imaginava. A incidência de dois tipos de doenças de pele em 17% da população local indica que os poluentes atingiram níveis preocupantes.

O alerta foi dado por um grupo de pesquisadores liderados pelo biólogo Marcos César de Oliveira Santos, professor do programa de Pós-Graduação em Zoologia do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro, em artigo no site da revista *Marine Environmental Research* no início do ano. Segundo Santos, eles observaram manchas no corpo de animais monitorados por fotografia para um estudo de populações.

Ao submeter as imagens para a veterinária Marie Van Bresse, do Grupo Médico de Conservação de Cetáceos, na Colômbia, a equipe descobriu que as manchas eram de lobomicose e doença nodular da pele.

Segundo Santos, o esgoto in natura despejado na Baía de Guaraqueçaba, as atividades do Porto de Paranaguá e a criação ilegal de camarão colocam em risco todo o complexo estuarino.

Topo da cadeia – No artigo, Marie, Santos e sua aluna de mestrado Júlia Emi de Faria Oshima, do Laboratório de Biologia da Conservação dos Cetáceos do câmpus de Rio Claro, propõem que as patologias dos golfinhos da espécie *Sotalia guianensis* (conhecida como boto-cinza) podem servir como indicador da qualidade de um ambiente marinho. “Eles estão no topo da cadeia alimentar. Se esses animais apresentam algum poluente no corpo, isso significa que toda a cadeia está comprometida”, explica Santos.

Segundo ele, a lobomicose tem duas ações que po-

Marcos César de Oliveira Santos

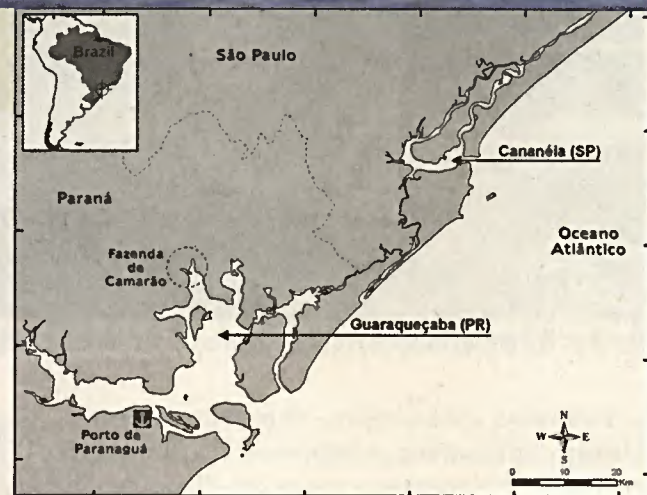


Equipe detectou doenças de pele nos animais, consequência doatividade do porto, criação de camarões e do lançamento de esgotos no mar

dem levar à morte. “Estudos já mostraram que ela enfraquece o sistema imunológico do animal, que fica suscetível a doenças mais graves. E quando a doença está mais avançada, a micose pode cobrir toda a pele do golfinho, dificultando sua mobilidade e trazendo complicações fisiológicas diversas”, explica.

A dificuldade de movimento compromete a captura de presas e a alimentação. Em uma situação extrema, a micose pode cobrir o orifício respiratório. Outro temor da equipe é que o problema atinja a região vizinha de Cananéia (SP).

Os pesquisadores vão recolher fragmentos da camada de gordura dos animais, onde as substâncias ficam alojadas. Esse material será analisado no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, parceiro da Unesp no projeto. “Sabendo qual é a substância, poderemos saber de qual produto ela vem”, diz.



As pesquisas na região também constataram que ela abriga uma espécie de golfinho relativamente rara, as toninhas (*Pontoporia blainvillei*). “A descoberta de que elas vivem em águas de estuário e protegidas de Paranaguá reforça a necessidade de proteção do local”, declara.

Giovana Girardi

FISIOLOGIA

Hormônios alteram próstata feminina

Estudo revela mudanças em glândulas de roedores, em ciclo que equivale à menstruação humana

As alterações hormonais características do ciclo menstrual podem provocar modificações na próstata feminina, ao menos na de roedores. Esta é a conclusão de um trabalho da equipe do biólogo Sebastião Roberto Taboga, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto. O grupo avaliou as características da glândula em fêmeas de gerbilo-da-mongólia (*Meriones unguiculatus*) durante as fases do ciclo estral, correspondente ao ciclo menstrual das mulheres, e observaram que elas variavam no período.

Para fazer a análise foram induzidas modificações na próstata de uma das fêmeas, bloqueando o ciclo estral; já em outra, o ciclo foi mantido. “O estudo mostrou que, fora do ciclo estral, a próstata da fêmea se manteve estável, ao passo que, durante o ciclo, a fêmea apresentou variações hormonais e alterações físicas na próstata, que aumentou de tamanho e produziu mais secreção”, afirma Taboga.

Divulgação



Gerbilos-do-mongólio são objeto de estudo de Toboga

Segundo ele, a pesquisa revelou, pela primeira vez, que a próstata feminina é regida pelos hormônios sexuais, assim como ocorre com vagina, útero, ovários e mamas. A pesquisa busca contribuir para o entendimento da fisiologia da próstata, considerada

exclusivamente masculina até pouco tempo.

A fêmea de gerbilo-da-mongólia tem ciclo estral de 4 a 6 dias, diferentemente da mulher, cujo ciclo menstrual dura em média 28 dias. A próstata do animal, porém, apresenta uma fisiologia muito semelhante à da próstata das mulheres.

A próxima etapa da pesquisa irá avaliar a influência da reposição hormonal em fêmeas adultas de gerbilo-da-mongólia, já que os estudos anteriores trabalharam com animais de idade avançada.

Funções – O estudo também identificou que, no período próximo ao ovulatório, a próstata das fêmeas aumenta a produção do líquido que facilita a chegada de espermatozoides ao útero. “Enquanto, no homem, a próstata tem o papel de produzir o líquido seminal para auxiliar a ejaculação, na mulher, ela serve para facilitar a fecundação”, explica o pesquisador.

Ligya Aliberti



Memória da imprensa negra

Catálogo em Assis organiza dados sobre 37 periódicos produzidos no Estado de 1903 a 1963

O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, lançou o *Catálogo da Imprensa Negra*, resultado de um projeto de organização de 37 títulos de periódicos do acervo do Centro, em microfilme, produzidos no Estado de São Paulo, de 1903 a 1963.

A iniciativa de homens e mulheres ampliarem sua voz, a partir de imprensa própria, sinaliza o desejo dessas lideranças negras de organizarem sua comunidade e divulgarem para a sociedade mais ampla as suas perspectivas e projetos. Para isso, definiram datas, fatos e personagens de renome, a exemplo de Zumbi, José do Patrocínio e Luiz Gama, cuja importância e trajetórias seriam capazes de funcionar como modelos a serem seguidos.

De acordo com Zélia Lopes da Silva, coordenadora geral do projeto, esses periódicos eram publicações simples, de poucas páginas, embora estruturados no formato de seções. “Muitos deles utilizaram fotografias, ilustrações e anúncios”, explica. “Sua principal característica era divulgar acontecimentos da vida social e política da comunidade negra, nas suas diversas formas de expressão, manifestas no lazer, nas artes, nos esportes, nas festas, nas comemora-



Equipe pesquisou diversas fontes para colher informações sobre editores de publicações

ções cívicas atinentes ao grupo, no dia-a-dia (aniversários, casamentos e mortes) e nos carnavais.”

O primeiro periódico de que se tem registro, *O baluarte* (1903), surgiu no início da República. Somente em 1915 apareceu *O Menelik*. A partir da década de 1920, há o surgimento mais fre-

quente de outras publicações. Porém, a característica mais marcante desses jornais é a descontinuidade e a curtíssima duração.

Alguns deles tiveram vida mais longa, como *O clarim d'avorada*, que surgiu em 1924, sob o nome de *O clarim*, e se manteve até 1932, reunindo jovens

negros com propostas para o campo político-cultural. Outra publicação que merece destaque é *Progresso* (1928-1931), liderado por Argentino Celso Vanderlei, que desde 1919 atuava no carnaval da cidade de São Paulo. Também tiveram trajetórias duradouras *A voz da raça* (1933-1937) e *O novo horizonte* (1946-1961).

Zélia ressalta as dificuldades de organizar os verbetes que acompanham a ficha técnica de cada jornal, com uma pequena biografia de seus diretores e editores. “Os empecilhos para conseguir informações sobre esses sujeitos foram significativos, em decorrência da falta de registros sobre o papel que ocuparam no período, além do engajamento nos ‘periódicos da raça’”, salienta.

O projeto, financiado pela Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex), contou com o trabalho de alunos de graduação em História da FCL. Além da produção das fichas técnicas, o grupo realizou pesquisas em fontes diversas, para elaboração de pequenas biografias dos editores e diretores.

O *Catálogo da Imprensa Negra* está disponível no endereço http://www.cedap.assis.unesp.br/cat_imprensa_negra/cat_imprensa_negra.html

Emanuel Ângelo Nascimento
Bolsista Unesp/Universia/FCL/Assis

COMUNICAÇÃO

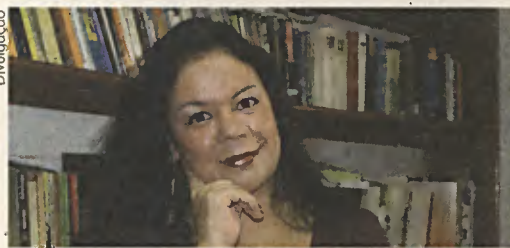
Crítica em ritmo carnavalesco

Revistas *Fon-fon* e *Careta* usavam a caricatura em textos e imagens para expor vida social

A irreverência, ponto de contato entre o carnaval e o humor, é o mote da tese de doutorado defendida na USP pela historiadora Fabiana Lopes da Cunha, professora do câmpus de Ourinhos. Ao analisar duas revistas ilustradas, *Fon-Fon* e *Careta*, entre 1908 e 1921, ela verificou como as publicações, passando por censuras e problemas econômicos, representavam, por ilustrações, charges e crônicas, o que as pessoas tinham vontade de explicitar.

Intitulada *Caricaturas carnavalescas: Carnaval e humor no Rio de Janeiro sob a ótica das revistas ilustradas Fon-Fon e Careta* (1908-1921), a pesquisa verifica como charges, crônicas e ilustrações expunham o sarcasmo e a irreverência de críticas feitas em momentos de festa.

Fatos sociais, políticos, culturais eram



Fabiana e a capa da revista *Fon Fon*, ilustrada por J. Carlos: visão irreverente do País

alvo das letras e dos pincéis dos colaboradores das revistas, e eram discutidos em festas populares, cafés, rodas de bôêmios, teatros de revista, casas de música, bailes e na imprensa diária. “Essas manifestações estavam associadas a uma forma carnavalesca de representar os temas que faziam parte do cotidiano da população”, aponta Fabiana.



Foliões famosos – Foram consultados em torno de 40 exemplares de cada revista. Fabiana constatou a importância do carnaval na vida dos três caricaturistas mais famosos do período, Raul Pederneiras, Kalixto e J. Carlos, e como eles também são fontes relevantes para a compreensão de temas como problemas políticos, moda, inovações e mudanças na vida da população carioca.

A historiadora também concluiu que muitos dos escritores e caricaturistas importantes no cenário cultural frequentavam os espaços carnavalescos. “Lima Barreto, Emílio de Menezes, José do Patrocínio Filho, Raul Pederneiras, Kalixto e J. Carlos eram ativos e irreverentes foliões”, assinala.

Fabiana Manfrim

A contribuição dos operários

Tese aponta importância do conhecimento de funcionários na indústria automotiva

Uma tese elaborada no câmpus de Guaratinguetá busca utilizar o conhecimento dos operários da indústria automotiva nos processos de organização das fábricas. O estudo, de autoria do engenheiro Jorge Muniz Junior, docente do Departamento de Produção, da Faculdade de Engenharia, câmpus de Guaratinguetá (FE), e da Unitau (Universidade de Taubaté), apresenta um modelo, denominado MGP-C, que integra conceitos de gestão do conhecimento, organização da produção e organização do trabalho.

A pesquisa, que envolveu quatro fábricas de autopeças da região do Vale do Paraíba, foi premiada pela Abepro (Associação Brasileira de Engenharia de Produção), na categoria de melhor tese de doutorado de Engenharia de Produção, durante o Encontro Nacional de Engenharia de Produção, em outubro, no Rio de Janeiro. O trabalho foi orientado por Edgard Dias Batista Junior, docente do Departamento de Produção da FE, e por Paulo Tadeu de Mello Lourenção, da Empresa Brasileira de Aeronáutica S/A.

“O MGP-C considera de maneira inédita e explícita o conhecimento existente no chão de fábrica, ou seja, o conheci-



mento dos operários de uma fábrica sobre os processos em que trabalham, acrescentando assim uma terceira dimensão, o conhecimento, às duas dimensões tradicionais de organização, a produção e o trabalho”, explica Muniz. “Buscamos resultados como satisfação pessoal, inovação, qualidade, redução do número de defeitos, do tempo de fabricação, tempo de troca de produto na produção e custo das horas de trabalho, entre outros.”

De acordo com Batista, o setor automotivo foi escolhido por sua importância econômica e identidade com os paradigmas industriais, como, por exemplo, o Sistema Toyota de Produção. “Esse sistema se diferencia por buscar reduções constantes de custos e desperdícios e delegar mais atividades aos operadores de máquinas, como inspeção do próprio serviço, pequenas manutenções e até uma paralisação da



Muniz (esq.), que foi orientada por Batista, ganhou prêmio pela análise da ambiente das fábricas

linha de produção, caso seja necessária”, diz.

Durante o mês de fevereiro, foi desenvolvido na empresa Wheaton do Brasil e com apoio da Fundação para Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) um Instrumento de Avaliação do ambiente operário baseado no modelo, que contou com a participação de Muniz e Batista além de Vitor Polisel, quartanista de Engenharia de Produção da FE. Com apoio da Seção de Pós-graduação e do Departamento de Produção da FE, a tese será transformada em livro no primeiro semestre de 2009, pela Editora Edgard Blucher.

Renato Coelho

GESTÃO

Estatística melhora controle de processos

Projeto premiado aperfeiçoa monitoramento da qualidade de produto

Pesquisadores do câmpus de Guaratinguetá estão desenvolvendo dispositivos estatísticos mais eficientes para controlar processos da linha de produção das empresas. Um dos estudos da equipe elaborou soluções para o monitoramento simultâneo do diâmetro do eixo e da resistência do material, confirmando que é possível encontrar maneiras mais simples de se controlar várias características de qualidade de um produto.

Por esse trabalho, a aluna de doutorado Marcela Aparecida Guerreiro Machado e os docentes Antonio Fernando Branco Costa e Fernando Antônio Elias Claro, do Departamento de Produção da Faculdade de Engenharia (FE), receberam o prêmio de melhor trabalho na área de Gestão, durante o XL Simpósio Brasileiro de Pesquisa Operacional (SBPO). A iniciativa da



Marcela investiga recursos mais simples

premiação foi da Sociedade Brasileira de Pesquisa Operacional (Sobrapo).

A pesquisa utilizou recursos conhecidos na área, como o chamado gráfico da média, que monitora o diâmetro de eixos. “Sinto uma enorme satisfação por ter recebido este prêmio, que representou um grande incentivo para mim”, diz Marcela.

Fabiana Manfrim

ENGENHARIA DE MATERIAIS

Novo aparelho em Ilha Solteira

Equipamento auxiliará estudo de revestimentos para indústria sucroalcooleira

Instalado no final de 2008, um moderno ultramicrodurômetro dinâmico digital está dando novo impulso à pesquisa em ciência e engenharia dos materiais no Laboratório de Ensaios Mecânicos do Departamento de Engenharia Mecânica, na Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Ilha Solteira.

Para adquirir a novidade, a FE recebeu apoio da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que forneceu R\$ 96 mil. “Esse novo equipamento vai alavancar os trabalhos de pesquisa desenvolvidos no Maprotec – Grupo de Caracterização e Desenvolvimento de Materiais e Processos Tecnológicos”, afirmou o professor Juno Gallego, um dos líderes do grupo.

O ultramicrodurômetro dinâmico digital possui um microscópio ótico que faz medidas de microdureza, por exemplo, em grãos com tamanho de 0,005 mm de diâmetro, ou 5 milésimos de mi-



Gallega (esq.) e membras da grupa com aparelho

límetro. O equipamento será utilizado no desenvolvimento de revestimentos para a indústria sucroalcooleira.

Mais informações sobre as pesquisas do grupo da FE podem ser obtidas pelo e-mail gallego@dem.feis.unesp.br e pelo site do Maprotec www.dem.feis.unesp.br/maprotec

Róbinson Gerardo Trindade
Bolsista Unesp/Uniersia/FE
/Ilha Solteira

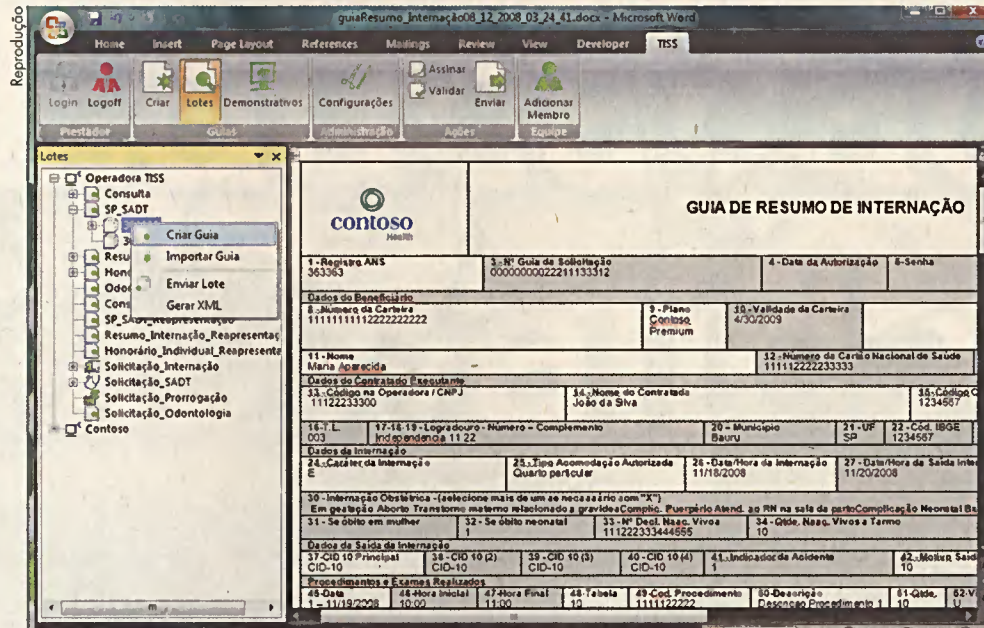
Software beneficia área de saúde suplementar

Inovação facilita registro e intercâmbio de informações entre operadoras e profissionais

Uma equipe do câmpus de Bauru desenvolveu um software destinado a facilitar a integração de pequenos prestadores de serviço ao projeto TISS (Troca de Informação em Saúde Suplementar). O TISS foi criado pela ANS (Agência Nacional de Saúde) para padronizar e tornar mais seguros o registro e o intercâmbio de dados entre as operadoras de planos privados e prestadores de serviços de saúde.

Como todas as operadoras de planos de saúde serão obrigadas a se adequarem ao padrão TISS, o objetivo do trabalho foi reduzir a burocracia que envolve o registro e o intercâmbio de dados administrativos e financeiros, tanto pelas empresas quanto pelos profissionais da área. O projeto foi realizado no Laboratório de Tecnologia de Informação Aplicada (Ltia), da Faculdade de Ciências (FC), sob a coordenação do professor Eduardo Morgado.

A equipe da FC reúne os alunos Daniel Assad, Carlos Hisamitsu e Bianca Ortega Bertoni, quartanistas do curso de Bacharelado em Sistemas de Informação; e André Luiz de Azevedo, do terceiro ano de Design Grá-



Detalhe de página do programa e equipe: menos burocracia

fico. Eles pesquisaram e desenvolveram uma plataforma (ou plugin) que se destina a melhoria na qualidade do atendimento, racionalização dos custos e otimização de recursos.

Padrão docTISS – O projeto foi concretizado numa parceria do Ltia com a Microsoft. A plataforma é utilizada por meio do programa Office 2007, sendo inserido no software

Word 2007. “A vantagem é que o usuário do software Word 2007 pode baixar o plugin, que é gratuito, e ainda adicionar valores sem custos e com muito mais vantagens do que se tivesse que adquirir um software dedicado, específico para ser utilizado no padrão TISS”, destaca Daniel Assad.

Os pesquisadores direcionaram a plataforma para o uso de consultórios ou pequenas clínicas, cuja infra-

estrutura é menor e, portanto, fácil de se adaptar às modificações. Atualmente, todo consultório possui um computador ligado à Internet e, muito frequentemente, utiliza um software como o Office. Após baixar o plugin, instalar e preencher a primeira guia, basta clicar na tecla “enviar”: o próprio sistema faz a troca eletrônica do padrão da ANS-TISS. O padrão possui alto nível de segurança e garante a autenticidade das assinaturas do médico de acordo com certificados digitais.

A novidade está disponível gratuitamente no site: <http://www.codeplex.com/docTISS>

João Moretti

INFORMÁTICA

Rio Preto integra rede nacional de laboratórios

Acme! garantirá segurança de informação em projeto de veículo controlado sem piloto a bordo

O Laboratório Acme! de Pesquisa em Segurança, do câmpus de São José do Rio Preto, faz parte da rede que integra o INCT-SEC (Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia em Sistemas Embarcados Críticos). Criado no dia 10 de fevereiro, na USP de São Carlos, onde funciona sua base, o INCT-SEC deverá reunir o conhecimento e a infra-estrutura necessários para o desenvolvimento de sistemas embarcados críticos, que controlam e executam funções em veículos, por exemplo, a direção de um automóvel com o auxílio de um sinal de satélite. A ênfase dessa rede serão os veículos autônomos móveis, ou seja, aqueles controlados sem um piloto a bordo.

O Acme! é coordenado pelo docente Adriano Cansian, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). O projeto INCT-SEC envolve cerca de 20 laboratórios, de universidades como Unesp, USP, PUC-RS, UEM, UFAM, UFG, UFSCar, além de sete representantes da iniciativa privada.



Segundo Cansian (ao centro), formação de mestres e doutores e produção de artigos científicos serão metas de novo instituto

Segundo o coordenador do projeto, o docente José Carlos Maldonado, da USP de São Carlos, além do desenvolvimento de pesquisas para a elaboração desses sistemas, a meta é a construção de pelo menos dois protótipos de veículo, um aéreo e um terrestre, que

seriam transferidos para as empresas associadas, para possível fabricação e comercialização. De 28 a 30 abril, será realizado o 1º workshop do INCT-SEC, em São Carlos, com reunião dos laboratórios envolvidos e apresentação dos trabalhos em desenvolvimento.

O Acme! deverá fornecer a segurança nas comunicações críticas dos sistemas, ou seja, nas de maior importância, além de atuar no treinamento de pessoal na área. “Pretende-se constituir um Centro de Treinamento e Capacitação no âmbito do projeto, e nossa equipe estará relacionada à capacitação em segurança da informação”, explica Cansian. “A idéia é motivar a formação de um número significativo de mestres e doutores e a produção intelectual na forma de artigos científicos apresentados e publicados em conferências e periódicos de boa qualidade, bem como de patentes.”

As redes – O Ministério de Ciência e Tecnologia anunciou os INCTs em novembro, com a criação de 101 novas redes de pesquisa, que receberão R\$ 553 milhões e terão apoio de Fundações de Amparo à Pesquisa, como as de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Lígia Aliberti

Contra a violência,

Daniel Patire



Especialistas desenvolvem instrumentos como softwares e bancos de dados que ajudam os órgãos policiais a combater os delitos, além de realizar estudos e elaborar indicadores sociais que podem orientar adoção de medidas de prevenção dessa ameaça

JULIO ZANELLA

Além de um aparato policial bem armado, treinado e com boa infra-estrutura, a luta contra o avanço da criminalidade exige informação. Pesquisadores de vários câmpus buscam melhorar a qualidade e aumentar o volume de dados disponíveis na batalha contra a delinqüência. Eles desenvolvem softwares e bancos de dados que auxiliam o setor de segurança pública em suas ações, além de indicadores sociais que podem colaborar na formulação de medidas que diminuam o risco de expansão dos delitos. Muitos estudos também mostram como a omissão da sociedade e de muitos profissionais interfere nas estatísticas e prejudica a análise e o enfrentamento da violência.

“A falta de dados fidedignos impede o entendimento de muitos crimes, compromete o desenvolvimento de pesquisas pela academia e o planejamento de ações dos órgãos de repressão”, argumenta Sueli Andruccioli Felix, coordenadora do Grupo Urbano de Trabalho Or-

ganizado (Guto) e docente da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília.

Estatísticas – Em Rio Claro, um software criado pelo Grupo de Estudo e Análise dos Fenômenos Urbanos da Violência possibilita o registro pelas delegacias, em tempo real, dos homicídios ocorridos na cidade. “Ele permite o cruzamento dos dados de diferentes fontes e perfis das vítimas, dos agressores, o horário e o local das ocorrências, o que evita a discrepância das informações entre polícia, IML e cartórios”, afirma o estatístico José Silvio Govone, integrante do grupo e docente do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE).

Em Marília, pesquisadores do Guto implantaram um sistema que atualiza e organiza qualquer tipo de ocorrência, com histórico, dados sobre as armas e veículos envolvidos, além do perfil dos criminosos e das vítimas. As informações enviadas pelas delegacias, interligadas em rede, formam um banco de dados utilizado pela polícia. “É uma ferramenta que auxilia a elaboração de mapas criminais, a prevenção, as estratégias de investigação e identificação dos criminosos”, aponta Sueli.

Estatísticas, estudos, relatórios de governo e notícias sobre ações criminosas podem ser encontrados no portal Observatório de Segurança Pública (www.observatoriodeseguranca.org). “O objetivo é facilitar o acesso às informações e reflexões sobre a violência e segurança pública no Estado de São Paulo para pesquisadores e interessados”, diz Luiz Antonio Francisco de Souza, docente da FFC e integrante do Grupo de Estudos de Segurança Pública (Gesp), câmpus de Marília.

Prevenção – Integrantes do Guto também acreditam que, por meio da análise das condições sociais das famílias, é possível identificar o risco do crescimento

da violência em uma determinada área. Eles desenvolveram o Índice de Vulnerabilidade Familiar (IVF), que avalia itens como educação, emprego, habitação, saúde, recursos financeiros, além do risco familiar em consequência de fatores como ausência de cônjuge e presença de adolescente grávida, por exemplo.

Aplicado em 2,7 mil famílias de Araraquara, Marília e Assis, o IVF geral obtido nessas cidades foi considerado baixo, de 0,14 a 0,16. Ou seja, é pequeno o risco de ocorrência de situações de violência nesses locais. No entanto, em algumas regiões o resultado apontou números três vezes maiores nos indicadores emprego e educação.

“Diferentemente de outros dados que levam a ações de repressão pela polícia, a partir da identificação das áreas mais vulneráveis, os gestores públicos podem atuar nos aspectos com os piores desempenhos e contribuir na prevenção daquela violência que surge como fator social”, observa Fernando Frei, estatístico e docente da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis. A equipe já enviou o levantamento do IVF para as prefeituras, com o objetivo de que seus dados se transformem em ações concretas no planejamento urbano.

Poucas denúncias – Em um levantamento com 1.200 pessoas de Marília, organizado pelo Guto em 2008, 40% dos entrevistados declararam ter vivenciado situações de agressão, mas 70% deles não denunciaram os crimes. Em relação aos maus-tratos e abusos sexuais, quase metade dos casos não foi registrada nas delegacias. “O descrédito na atuação policial e na Justiça, além do medo de retaliação, foram as justificativas mais citadas”, afirma Sueli. “Cerca de 30% das pessoas não denunciaram por achar o ocorrido pouco importante, o que remete ao sentimento de banalização da violência.”

Educação e sexualidade

A família, Egon Schiele



A questão da sexualidade é um desafio ainda não resolvido no panorama da educação brasileira. Nem a escola nem a família mostram-se preparadas para lidar com as questões que surgem com o amadurecimento físico e psíquico de crianças e adolescentes. Sem uma formação adequada e apoio de especialistas, a maioria dos docentes do ensino fundamental e médio não consegue enfrentar os problemas originados no convívio com os alunos. No entanto, instituições educacionais, governantes e população precisam incorporar a sexualidade como um fator fundamental do desenvolvimento dos indivíduos e da própria organização social. Os participantes desta edição apontam a relevância que esse tema vem ganhando entre aqueles que, dentro das universidades, refletem sobre a educação como garantia de cidadania e liberdade.

É preciso capacitar docentes e incluir temática em escolas

Entrevista com Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Página 2

A experiência desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina

Mary Neide Damico Figueiró

Página 3

Educação e orientação sexual de pessoas com deficiência

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Página 2

Quando o óbvio precisa ser constantemente reafirmado

Sonia Maria Martins de Melo

Página 4

ENTREVISTA

PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO

É preciso capacitar docentes e incluir temática em escolas

Graduado em Psicologia (PUC-Campinas) e em Pedagogia (Unicamp), mestre em Educação (Unicamp) e doutor em Saúde Mental (Unicamp), Paulo Rennes Marçal Ribeiro cursou pós-doutorado em Saúde Mental na UFRJ. É livre-docente em Sexologia e Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Araraquara, onde é professor-adjunto e coordena o Núcleo de Estudos da Sexualidade (Nusex). Atua principalmente nos temas de educação sexual, história da sexualidade e da educação sexual, adolescência, sexualidade e sociedade e orientação sexual na escola. Para ele, é necessária a inclusão gradativa e planejada da orientação sexual na sala de aula. (Entrevista a Oscar D'Ambrosio)



CNPq. Quatro grandes áreas abrigam estes estudos: Sexualidade e Educação Sexual; Estudos de Gênero; Combate à Homofobia; e Prevenção às DSTs/Aids.

JU: Qual é o papel da Unesp nesses estudos?

Rennes: A Unesp possui seis destacados grupos de pesquisa sobre sexualidade e educação sexual (Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente e Rio Claro). A Universidade caminha para a consolidação de um centro de excelência na área e para a criação de um programa de pós-graduação em educação sexual, cuja proposta será apresentada à Capes.

Unesp caminha para consolidar centro de excelência e criar programa de pós-graduação na área

Além disso, a Unesp foi a primeira universidade brasileira a conferir o título de livre-docente em Sexologia e Educação Sexual a um pesquisador.

JU: O que ainda pode e necessita ser feito na área?

Rennes: É essencial que o poder público invista na formação

profissional e pessoal de orientadores sexuais, capacitando e especializando professores e educadores. A inserção na grade curricular dos cursos de Pedagogia, Psicologia e nas licenciaturas de, pelo menos, uma disciplina obrigatória sobre sexualidade e educação sexual é uma das ações efetivas para essa formação. Além disso, torna-se necessária a inclusão gradativa, intencional e planejada da orientação sexual nas escolas, com tempo e espaço condizentes com a formação que deve ser dada às crianças e adolescentes.

Educação e orientação sexual de pessoas com deficiência

ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI MAIA

Inerente à condição humana, a sexualidade faz parte da vida de todos. Representa um conceito amplo, que extrapola a genitalidade. Além do sexo, das práticas sexuais e órgãos sexuais, envolve os relacionamentos e a comunicação afetiva entre as pessoas. Nesse sentido, em todas as sociedades, a sexualidade representa valores culturais que são incorporados e reproduzidos entre gerações, a partir da educação sexual.

Entendemos por educação sexual um processo constante que ocorre, geralmente, de modo não intencional. Pode ser explícito ou não. De qualquer forma, pode se dar de modo inadequado (autoritário, conservador e limitado) ou adequado (reflexivo, crítico e emancipatório). Falamos das mensagens cotidianas que recebemos sobre valores e regras que direcionam o modo como expressamos nossa sexualidade. Essas mensagens podem vir de pais, amigos, programas de televisão, entre outros meios.

Por outro lado, a orientação sexual é sistematizada. É um método intencional que ocorre geralmente em instituições e oferece informações sobre sexo e sexualidade. Deveria ajudar as pessoas a viver a sexualidade de modo saudável e prazeroso, favorecendo o sentido da autonomia.

As pessoas com deficiências nas áreas cognitiva, sensorial ou física estão expostas à educação sexual como todas as demais pessoas. Vivem numa sociedade que dita padrões de beleza, que incentiva os relacionamentos afetivos e sexuais, a vida reprodutiva e o casamento na vida adulta. [...]

Além das possíveis dificuldades no desenvolvimento psicológico e social da sexualidade, advindas de uma socialização restritiva e ou de limitações orgânicas, as pessoas com deficiência ainda têm pouco acesso à orientação sexual, o que aumenta as chances de mostrarem-se inadequadas na expressão de sua sexualidade. Os programas de orientação sexual nas instituições – quando existem – excluem os deficientes como possíveis beneficiários, como se eles não tivessem o direito a receber os esclarecimentos e informações necessárias para o pleno exercício da vida sexual.

Em uma sociedade que padroniza os valores em concepções normativas, pessoas com deficiência intelectual, síndrome de Down, cegos, surdos, cadeirantes vão manifestar os mesmos desejos relacionados ao vínculo sexual e amoroso. Isto é, elas também sentem necessidade de corresponder aos padrões de beleza, buscar a satisfação erótica, almejar estabelecer vínculos amorosos e sexuais, vislumbrar a vida matrimonial e reprodutiva e, muitas vezes, o fazem do modo mais vulnerável, refletindo uma educação sexual omissa ou inadequada e a falta de orientação formal sobre prevenção sexual.

[...] Muitos adolescentes com deficiências têm informações precárias e deturpadas sobre sexo

e sexualidade. A escola pública, por exemplo, que tem a orientação sexual como um dos temas transversais, não tem atendido nem à demanda de alunos não-deficientes. Deveria destinar, para os deficientes, os mesmos objetivos esclarecedores, aliados aos recursos adaptados, como, por exemplo, o uso de materiais em braille, linguagem de sinais, bonecos sexuados e vídeos adaptados às limitações intelectuais, entre outros. [...]

Em resumo, embora o funcionamento genital não seja, a priori, comprometido quando há deficiências, o estigma da deficiência pode alimentar a ocorrência de preconceitos sociais que limitam a possibilidade de essas pessoas desenvolverem aspectos afetivos e

sexuais de modo pleno e satisfatório. O eventual comprometimento da sexualidade de uma pessoa com deficiência ocorre, em geral, pela educação sexual omissa que dessexualiza o deficiente; pela ausência de esclarecimentos direcionados às necessidades específicas; e pelo reflexo de uma sociedade em que ainda vigoram estereótipos e preconceitos sobre a condição do deficiente.

A Psicologia e a Educação têm feito esforços no sentido de pesquisar, debater e intervir em processos educativos que possam dar contribuições para a possibilidade de compreender a expressão da sexualidade como algo intrínseco e necessário, principalmente considerando a sociedade como um espaço inclusivo.

A Psicologia e a Educação têm feito esforços no sentido de pesquisar, debater e intervir em processos educativos que possam dar contribuições para a possibilidade de compreender a expressão da sexualidade como algo intrínseco e necessário, principalmente considerando a sociedade como um espaço inclusivo.

Ana Cláudia Bortolozzi Maia é psicóloga e doutora em Educação. É docente do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências – Unesp de Bauru. Lidera o Grupo de Pesquisas e Estudo Sexualidade, Educação e Cultura – Gepesec, cadastrado no CNPq.

A íntegra deste artigo está no Portal Unesp, no endereço <http://www.unesp.br/aci/debate/>

A experiência desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina

MARY NEIDE DAMICO FIGUEIRÓ

A grande maioria dos professores necessita de formação específica para atuar no ensino da sexualidade, porque a universidade não dá conta dessa formação. Minha experiência e contato direto com esses profissionais têm mostrado que eles enfrentam muitas situações ligadas à manifestação da sexualidade por parte dos alunos, as quais exigem conhecimentos e habilidades específicas e, sobretudo, habilidades para saber aproveitar as oportunidades, com a finalidade de ensinar a partir delas. [...]

Desde 1995, desenvolvo os Grupos de Estudos sobre Educação Sexual (Gees) na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Após assessorar e acompanhar os professores que passaram pelo processo formativo oferecido na universidade, pude identificar vários pontos norteadores que considero fundamentais em qualquer trabalho destinado à formação do educador sexual. [...]

Esse não pode ser apenas um trabalho pontual, ou seja, um curso concentrado, seja de 20, ou 30 horas, por exemplo. [...] Na UEL, por exemplo, fazemos 22 encontros semanais, que vão de maio a novembro, para que o educador tenha tempo hábil de realizar leituras e reflexões.

Ao ingressarem num grupo de estudos, muitos educadores vêm ávidos por estratégias de ensino, ou seja: por “receitas”. [...] É imprescindível que eles se envolvam num processo de reeducação sexual, onde possam rever suas concepções, sentimentos, tabus, medos e angústias relacionados à sexualidade.

Para o êxito do processo formativo, além dos conhecimentos específicos, é necessário trabalhar atitudes, sendo que a principal delas é o reconhecimento de que a educação sexual é, também, tarefa da escola. [...] Muitos educadores acreditam que a escola deve ensinar sobre sexualidade porque, embora seja função da família, ela não sabe fazê-la, e esse ponto de vista mina o comprometimento do educador.

Outra atitude a ser trabalhada é a conscientização do por quê fazer educação sexual. É fundamental que o professor acredite e sinta que, para o aluno, é importante aprender sobre a sexualidade porque faz parte da sua identidade pessoal e de seu processo de desenvolvimento e, sobretudo, porque é seu direito. [...] Infelizmente, muitos partem do princípio de que a educação sexual é importante, apenas, para diminuir a incidência de gravidez na adolescência e da contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e aids.

Vários professores trazem consigo idéias preconcebidas e receios que, se não forem bem trabalhados, travam seu processo de ensino-aprendizagem. São eles: o fato de achar que, ao falar sobre sexo, vai incentivar os alunos à prática; o receio de que não se pode ensinar além do que o aluno pergunta; o medo da reação negativa que pode advir de alguns pais; e a preocupação em ter que cumprir com o conteúdo programático da série. [...]

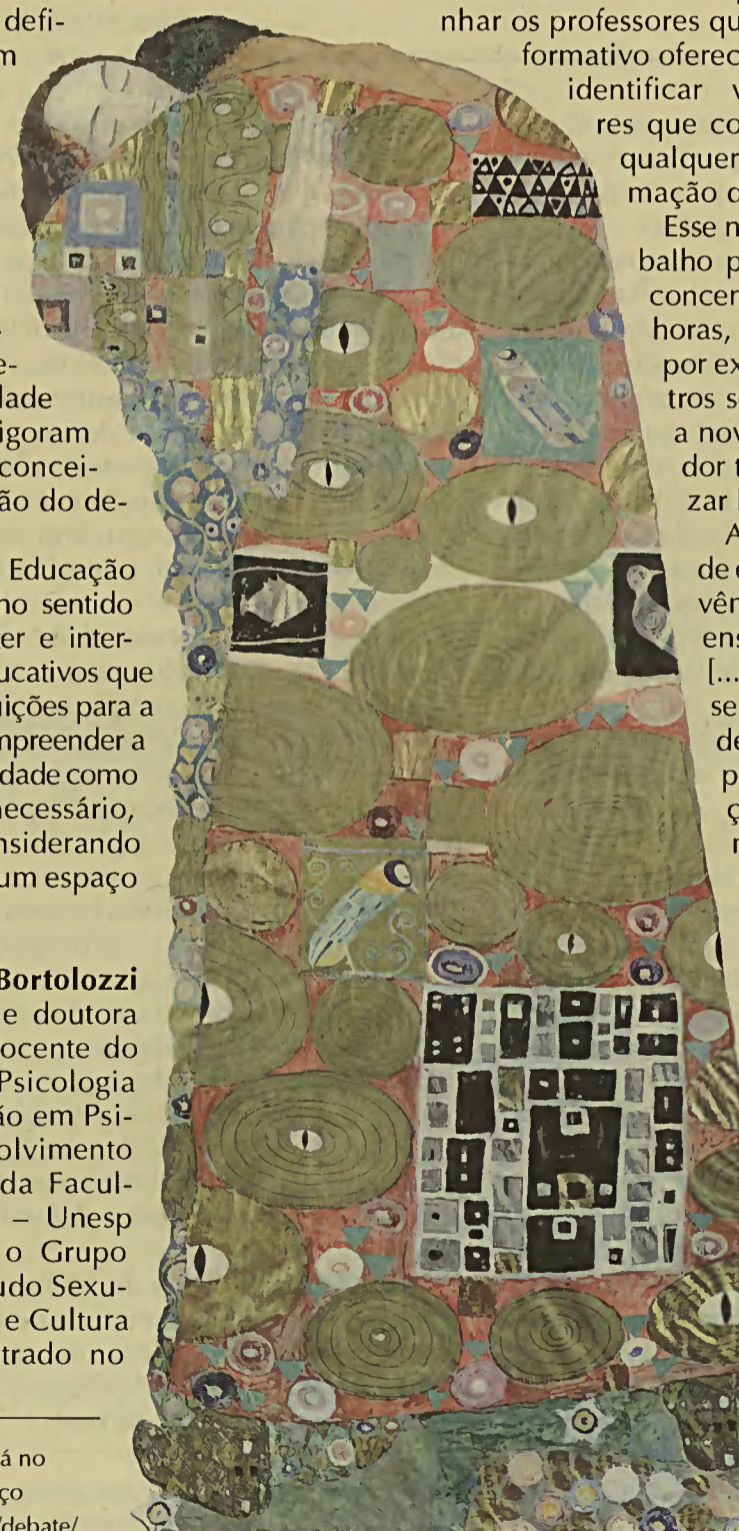
Além de participar de um processo formativo, é imprescindível que o professor tenha assessoria de profissionais capacitados, como, por exemplo, psicólogos ou pedagogos. [...] Aqui se mostra também indispensável a participação das Secretarias de Educação, tanto da rede municipal, quanto estadual. Continuar a reflexão sobre sua prática, estudar o assunto e discuti-lo em grupo é pré-requisito para que o resultado final seja positivo.

[...] Descobri que participar de cursos sobre educação sexual favorece o desenvolvimento pessoal e profissional. Por esta razão, na UEL, abrimos os Gees para todos os que têm interesse. Mesmo aqueles que aparentemente não ter “habilidades para tratar do tema” poderão sentir-se preparados, se não para dar aulas, pelo menos para lidar com perguntas e com situações do dia-a-dia, de forma positiva.

O processo de educação sexual deve desenvolver a autonomia de nossos jovens nas questões relativas à sexualidade; contudo, os professores, em sua maioria, não a desenvolveram, por causa de nossa sociedade repressora e da falta de formação adequada. Além disso, não têm conhecimento a respeito de como se deu tal repressão ao longo da história e de como se dá nos dias de hoje. É preciso abrir oportunidades para a reeducação do educador.

Mary Neide Damico Figueiró é psicóloga e docente da Universidade Estadual de Londrina (PR). É mestre em Psicologia Escolar pela USP e doutora em Educação pela Unesp, câmpus de Marília. Especialista em Educação Sexual pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (Sbrash). E-mail: figueiro@onda.com.br

A íntegra deste artigo está no Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/Educacao_sexual_figueiro.php



O Compromisso (detalhe), Gustavo Krieger

Quando o óbvio precisa ser constantemente reafirmado

SONIA MARIA MARTINS DE MELO

Em nossos dias, o tema da educação sexual, do ser-corpo-humano pleno, cidadão, já está fartamente discutido e anunciado. Mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: sempre se praticou e se pratica uma educação ou deseducação sexual entre seres humanos. Seres esses corporificados em sua inserção no mundo, resultado das relações sociais entre os humanos nos vários modos de produção que existiram, e no atualmente vigente.

Para avançarmos na construção de um paradigma emancipatório de educação é imperioso que pensemos profundamente sobre essas questões: O que é educação sexual? O que significa educar sexualmente? Quais os instrumentos, meios e fins envolvidos? Quem pode "educar" sexualmente, ensinar o quê? Como fazê-lo? Quem serão esses educadores? Educadores sexuais uns dos outros somos sempre todos nós, seres humanos! Então, a quem interessa cada tipo de educação sexual? A quem interessa negar os corpos das pessoas, reprimi-los e torná-los doces? Ou, então, expô-los como mercadorias?

Todos os seres humanos inserem-se no mundo mediante seus corpos sexuados. Mundo que é uma construção sociopolítica, histórica e cultural dos seres humanos, dialeticamente vistos como únicos e, ao mesmo tempo, parte da sociedade. Produtores e produzidos nas relações sociais e por elas, mesmo que a maioria aparentemente assim não se perceba. Nesse entendimento, uma abordagem de educação sexual emancipatória é visualizada como uma intervenção qualitati-

va, intencional, no processo educacional que ocorre continuamente nas relações sociais.

Essa abordagem mostra-se como um veio temático político-pedagógico fundamental que busca desalojar certezas, desafiar debates e reflexões, posturas fundamentais na busca do desenvolvimento pessoal do ser humano como um ser corporificado, sexual, contribuindo na busca de cidadania para todos. Assim, essa abordagem sócio-histórico-crítica da dimensão humana da sexualidade tem como ponto de partida o entendimento de que "sem dúvida, a repressão sexual e a repressão sociopolítica nascem do mesmo tronco e crescem juntas, como tristes irmãs gêmeas", bem como de que "a luta pela liberdade é, portanto, a luta por Eros, e a luta por Eros é sempre uma luta política," como nos dizia Bernardi no seu livro *A deseducação sexual*.

O que seria, então, um paradigma de educação sexual emancipatória? Não existem receitas, já que é tudo uma construção pessoal e social, mas certamente podemos dizer que é uma busca da reconstrução consciente e participativa de um saber amplo e universal sobre a dimensão humana da sexualidade, sem distinção de qualquer ordem. E essa reconstrução deve começar dentro de cada um, espalhando-se para o coletivo. Não pode ser apenas uma reprodução acrítica do que está posto na sociedade. Devemos auxiliar o despertar da consciência crítica, possibilitando aos indivíduos escolherem seus caminhos sem amarras, sem medos, e com conhecimento de sua importância nas diversas relações sociais.

Na busca da utopia da emancipação do ser humano não podemos esquecer que profundas transformações ocorreram e estão ocorrendo cada vez mais rapidamente e continuamente em nossa sociedade

global. Transformações essas que se refletem nos valores, nos comportamentos, na literatura, na linguagem, nas músicas, filmes etc. O avanço científico e tecnológico e, de um lado e do outro, a "mercadorização" dos corpos, também influíram e influem poderosamente como determinados-determinantes, em todas as dimensões do ser humano, inclusive na sexualidade, como bem demonstram várias vertentes pedagógicas de educação sexual que, na maioria das vezes, são expressões de um paradigma essencialmente repressor. Essas reflexões podem nos ajudar a desvendar qual o paradigma subjacente à nossa maneira de compreender e viver a nossa sexualidade, e a procurar reconstruí-lo.

Para que esse novo "olhar" possa apontar para uma abordagem emancipatória da vida, vida essa sempre sexuada, indicadores podem ser observados. Para isso, há que se partir de uma segura metodologia de análise da realidade social, que não se limite a uma compreensão ético-religiosa da conjuntura, mas que consiga entender a dimensão estrutural dialética da produção da vida social. Assim, a questão da sexualidade deixará de ser vista como um objeto apenas da religião, ou da psicanálise, ou da psicologia, passando a ser compreendida como uma questão estrutural, parte indissociável do contexto social.

Nesse enfoque, a sexualidade não é anomalia, patologia, disfunção, coisa acidental, mas é entendida como um complexo de valores, modelos, comportamentos e padrões socialmente construídos de acordo com agentes específicos. Uma abordagem emancipatória pressupõe desvendar esses modelos e projetar a ruptura de ordens estabelecidas, na busca do novo, que aponte para uma sociedade nova, atendendo à diversidade cultural, com uma nova compreensão da dimensão da sexualidade como parte indissociável dos direitos humanos no processo de construção da cidadania.

Com base nessas "pistas", podemos fazer uma reflexão crítica sobre nossa vivência pessoal e pedagógica no processo de educação sexual no intuito de revê-lo, na busca de um constante aperfeiçoamento. Aqui fica o desafio.

Sonia Maria Martins de Melo é docente da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina); pedagoga, doutora em Educação e líder do Grupo de Pesquisa CNPq-Udesc Formação de Educadores e Educação Sexual.

A íntegra deste artigo está no Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/melo_sexualidade.php



O beijo (detalhe), Gustav Klimt

informação

A violência sexual é um dos crimes que mais aparecem nas estatísticas, mas, ao mesmo tempo, está entre os mais subnotificados. Ao analisar as denúncias em uma Delegacia da Família de Marília, entre 2004 e 2005, pesquisadores do Guto descobriram que 30% delas foram de abuso sexual dentro das residências das vítimas, sendo que mais da metade dos suspeitos eram pessoas próximas. “Os números podem ser ainda maiores pois, quando a agressão ocorre no próprio lar, as vítimas são coagidas a não denunciar”, observa Ana Elisa Messias, autora da pesquisa.

Para a docente e psicóloga Renata Libório, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, a violência sexual pode trazer consequências graves, como lesões genitais, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis e disfunções sexuais. “Além disso, esse tipo de agressão pode levar à depressão, ao suicídio, ao descontrole de peso e à agressividade”, acrescenta a coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Desenvolvimento Humano em Situação de Risco e Indicadores de Proteção.

Omissão profissional – A violência doméstica poderia ser melhor combatida se profissionais como médicos, dentistas e professores denunciasses os casos às autoridades. Em sua pesquisa, a docente Sandra Aguiar, da Faculdade de Odontologia, câmpus de Aracatuba, descobriu que, embora 60% dos 100 profissionais entrevistados saibam identificar os sinais de agressão física em seus pacientes, 85% deles não tomam qualquer atitude. “Além do despreparo para abordar as vítimas e denunciar os casos à polícia, há também omissão”, aponta a dentista.

Após ouvir 44 médicos das Unidades Básicas de Saúde e da Saúde da Família, em Botucatu, a socióloga Margareth Aparecida Santini de Almeida, docente da Faculdade de Medicina (FM), também verificou que eles não sabem como lidar com esses casos. “Quando as vítimas buscam atendimento, nem sempre são

aconselhadas e orientadas por esses profissionais”, ressalta Margareth. Entre as razões, ela aponta a falta de sensibilidade diante de situações de violência, a ausência de treinamento e o desejo de não intervir na vida das pacientes.

O mesmo despreparo foi confirmado no mestrado da assistente social Silvia Costa, desenvolvido na FCT, que avaliou as iniciativas dos educadores para identificar e denunciar casos de crianças submetidas a agressões físicas e psicológicas. Ela investigou o motivo do pequeno número de queixas registradas em escolas com crianças até doze anos, idade mais frequente nas estatísticas sobre violência infantil. “Apesar de conhecerem as formas de acolher as vítimas, os educadores alegam que a questão deve ser abordada pelos familiares”, comenta Silvia, que entrevistou professores, coordenadores pedagógicos e diretores de duas escolas do ensino fundamental de Campo Grande (MS). (Veja quadro.)

Banalização – Na cidade de São Paulo, o geógrafo André Luis André constatou que a população da periferia demonstra maior aceitação dos crimes cometidos por moradores de sua região quando eles ocorrem em outras áreas da capital. “A população tem uma visão limitada da cidade”, argumenta o geógrafo, assinalando que essa percepção, associada à tolerância com as ações delituosas, facilita a propagação da criminalidade.

Nos depoimentos colhidos para seus trabalhos de mestrado e doutorado, orientados pela professora Eda Góes, da FCT, ele verificou como houve uma banalização dos homicídios. “Hoje, mata-se por motivo fútil em festas, brigas de vizinhos e entre familiares.”

André também confirmou a visão positiva que os mais jovens costumam ter dos criminosos. “Destaco um diálogo com duas crianças de 10 e 11 anos, em que uma delas desejava ser bandido quando crescesse porque esse indivíduo não precisa estudar, tem carro e anda com meninas bonitas”, conta. “Quando argumen-

Fotos Divulgação



1 – Coordenadora da Guto, Sueli adverte sobre escassez de dados confiáveis;
2 – Renata enfatiza as graves consequências da violência sexual;
3 – Frei destaca índice sobre vulnerabilidade das famílias

tei que ele poderia ser preso, a outra criança disse que o pai comentou que a prisão não era tão ruim assim.”

Atenta a esses problemas, Sueli Felix argumenta que as iniciativas da Universidade apenas podem obter sucesso por meio da participação da sociedade. “Em nossos eventos e grupos de pesquisa temos a preocupação de integrar polícias civis, militares e líderes comunitários”, afirma Sueli. “O melhor caminho no combate à violência é envolver a população.”

As dificuldades na rede escolar

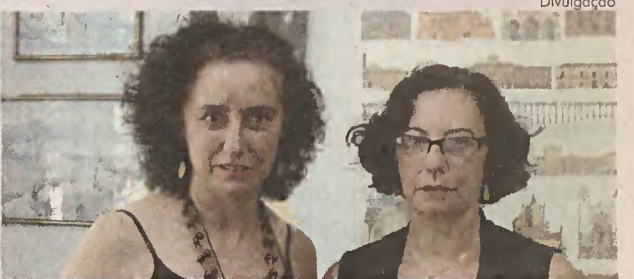
Um levantamento feito pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo aponta que 86% das 683 escolas pesquisadas em 2008 registraram algum tipo de violência, como depredações, furtos, maus-tratos, brigas e tráfico de drogas.

Para alguns pesquisadores da Unesp, a solução da violência escolar passa, principalmente, pela atuação de pais, professores e gestores. Por meio de dinâmicas de grupos com cerca de 400 alunos de 5.º a 8.º séries de duas escolas da periferia da cidade, as docentes Leila Maria Ferreira Salles e Joyce Mary Adam de Paula e Silva do Instituto de Biociências, em Rio Claro, identificaram as dificuldades dos educadores diante de casos de indisciplina, agressões e preconceitos no meio escolar.

Uma das razões apontadas por Joyce é o des-

preparo dos professores para lidar com situações complexas, fruto da falta do comprometimento com o projeto pedagógico da instituição onde lecionam. “Para compensar os baixos salários, eles trabalham em duas ou três escolas”, justifica a docente. Ela também não vê ações claras das Delegacias de Ensino e da Secretaria da Educação para combater e prevenir a violência na área de ensino.

Um tipo de violência escolar que também tem preocupado pais e professores é o bullying. Caracterizado pela perseguição e intimidação promovida pelos próprios alunos contra seus colegas, essa modalidade de agressão psicológica pode levar à evasão escolar, a problemas mentais e até ao suicídio. Dos 283 alunos de 5.º a 8.º séries do ensino fundamental de duas escolas de Presidente Prudente, 14% já foram



Joyce (esq.) e Leila: educadoras não sabem enfrentar problemas

vítimas dessa prática, segundo um estudo do professor de Educação Física Marcos Francisco, orientado pela docente Renata Libório. “Consideramos um índice altíssimo, visto que a escola deveria zelar por um ambiente de aprendizagem”, alerta o docente.

J.Z.

Unesp promove Ano da Pesquisa

Objetivo é manter avanço da produção científica

Uma cerimônia no auditório da Fundação para o Vestibular da Unesp (Vunesp), no dia 5 de março, marcou o lançamento o "Ano da Pesquisa da Unesp". A iniciativa conjunta da Pró-reitoria de Pesquisa (Prope) e da Pró-reitoria de Pós-graduação



Encontro discutiu melhoria de programas de pós-graduação

(Propg) tem como objetivo estimular e articular atividades nesse campo.

Uma das metas é melhorar a posição da Universidade no ranking da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). "Temos competência e condições de ir para a frente e ficar em uma posição bem mais alta nesse ranking", afirmou Marilza Vieira Cunha Rudge, pró-reitora de Pós-graduação, na apresentação.

Desafio – A Unesp também busca o aprimoramento de seus pesquisadores e a interação entre eles e a comunidade científica nacional e do Exterior. "Dos nossos 475 pesquisadores, apenas 5%

são de perfil 1-A (com alta produtividade)", afirma Maria José Mendes Giannini, pró-reitora de Pesquisa.

O diretor-científico da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), Carlos Henrique de Brito Cruz, presente ao evento, alertou que a instituição tem feito poucas solicitações para trazer gente de fora.

Para o reitor Herman Voorwald, o momento é favorável para o crescimento da Unesp na área de pesquisa. "Ao longo da década de 90, ela começou a consolidar e qualificar seu quadro docente e hoje todos os indicadores mostram nosso grande potencial."

Giovana Girardi

Pró-reitores tomam posse oficialmente

Sessão criou Agência de Inovação Tecnológica

Os pró-reitores da Unesp tomaram posse oficialmente na primeira reunião ordinária do Conselho Universitário sob a presidência do reitor Herman Voorwald. O encontro ocorreu em Águas de Lindóia (SP), no dia 19 de março.

Após a homologação dos nomes indicados aos cargos, as professoras Sheila Zambello de Pinho, Marilza Vieira Cunha Rudge e Maria Amélia Máximo de Araújo continuaram à frente das Pró-reitorias de Graduação, Pós-Graduação e Extensão Universitária, respectivamente. A de Administração (Prad) passou a

ser gerida por Ricardo Samih Georges Abi Rached, enquanto a de Pesquisa (Prope) ficou sob o comando de Maria José Soares Mendes Giannini.

Entre as deliberações dos conselheiros, foram aprovadas alterações na Resolução n.º 44 de 2007, que dispõe sobre a criação do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Unesp. As mudanças visam à implantação de uma Diretoria Executiva, com a finalidade de intensificar a atuação do núcleo, que passou a se chamar Agência Unesp de Inovação Tecnológica

Daniel Patre



Durigan (esq.), Maria José, Maria Amélia, Abi Rached, Maria Dalva, Marilza, Sheila e Voorwald

LEITURA DINÂMICA

CALOUROS I

A Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, realizou na início de março sua Semana de Recepção às Calouros 2009. Os 400 novos alunos das cinco cursas da unidade (Letras, História, Psicologia, Ciências Biológicas e Engenharia Biotecnológica) participaram de diversas ações organizadas pela comissão de recepção. No tradicional "trote solidário", um café cultural no Restaurante Universitária promoveu a integração entre os recém-chegados. (Emanuel Ângelo Nascimento, bolsista Unesp/Universia/FCL/Assis)

CALOUROS II

Os aprovados no curso de Engenharia Industrial Madeireira, na unidade de Itapeva, tiveram, na semana de 2 de março, uma aula sobre a legislação da Unesp sobre a traste, para conscientizar as alunas e caibir violência. Foram realizadas ainda palestras sobre a cursa, localização de laboratórios e salas de aulas e estrutura da câmpus, além de apresentações de alunos sobre o Centro Acadêmico (Caengim) e a empresa Júnior Pramad Jr.. (Bruna de Souza Morita, bolsista Unesp/Universia/Itapeva)

CALOUROS III

Os calouros da Faculdade de Engenharia, câmpus de Guaratinguetá, participaram em março de eventos e palestras sobre a vida acadêmica e as desafios das cursas de graduação. Foram abordadas as disciplinas do primeiro ano, mercado de trabalho,

atividades de extensão e pesquisa no câmpus, representação discente e importância das atividades extracurriculares. Também houve treinamento para uso do pólo computacional e serviços da biblioteca. (Augusto Fontan Moura, bolsista Unesp/Universia/FE/Guaratinguetá)

CALOUROS IV

A Semana da Bixa, da cursa de Turismo da câmpus de Rosana, teve a intuito de integrar os alunos com a unidade, as veteranas e a município. A programação incluiu arrecadação de alimentos para entidades assistenciais, apresentação dos professores e projetos de extensão, visita à Usina Hidrelétrica Sergio Motta, plantia de mudas, orientação sobre balsas e palestra com o secretária de Turismo e Meio Ambiente de Presidente Prudente. (Vitor Silva de Andrade, bolsista Unesp/Universia/FCT/Presidente Prudente)

GUIA ACADÊMICO

Os calouros da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauru receberam no ato da matrícula o Guia acadêmico da Faac 2009, agora em formato de CD. O guia reúne explicações sobre a faculdade, departamentos, cursas, avaliações e matrícula, além de informações sobre a cidade de Bauru. O conteúdo explicativa foi organizada para possibilitar uma navegação rápida e eficaz. (Eloiza Cristina Fontes Vieira, bolsista Unesp/Universia/Faac/Bauru)

PSICOLOGIA

Ocorrará em Bauru, entre 11 e 16 de maio, a III

Congresso de Psicologia e a XVI Semana de Psicologia. As inscrições para a Semana, promovida pelo Centro Acadêmico de Psicologia da Faculdade de Ciências (FC), podem ser realizadas via Internet até 7 de maio. Após essa data, os interessados devem procurar a secretaria da evento. Para apresentação de trabalhos, a praza é 16 de abril. Informações em www.fc.unesp.br/capsi (Sária Cristina Nogueira, bolsista Unesp/Universia/FC/Bauru)

INAUGURAÇÃO

No dia 6 de fevereiro, foi inaugurada a nova Central de Salas de Aulas da Instituta de Biociências, câmpus de Botucatu, com a presença do reitor da Universidade, Herman Voorwald. Foram investidas cerca de R\$ 885 mil na construção do prédio, que possui área de 1.057 m², e R\$ 220 mil em mobiliária e equipamentos. Nesse dia, também foram inauguradas o Laboratório Didático de Infarmática e a Sala de Defesas de Pós-Graduação. (Antonio Henrique Machado Magalhães, bolsista Unesp/Universia/IB/Botucatu)

ALZHEIMER E PARKINSON

Já estão abertas as inscrições para a Jornada de Alzheimer e Parkinson, a ser realizada pelo Instituta de Biociências de Ria Claro, nos dias 17 e 18 de abril. Valtada para a diagnóstico e tratamento dessas doenças, a evento tem como público alvo médicas e profissionais da saúde. Inscrições gratuitas com antecedência podem ser feitas pelo telefone (19) 3526-4279 ou pela e-mail marisa@rc.unesp.br. As vagas são limitadas. (Heluane Aparecida Lemos de Souza, bolsista Unesp/Universia/IB/Ria Clara)



Universidade dará apoio a pós-graduação da PM

Especialistas vão colaborar no aperfeiçoamento de cursos mantidos pela corporação paulista

A Unesp e a Polícia Militar do Estado de São Paulo firmaram convênio para o desenvolvimento de programas de pós-graduação do Curso Superior de Polícia e do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. O protocolo de intenções entre a Universidade e o governo paulista, por intermédio da PM, foi assinado pelo reitor Herman Voorwald e pelo comandante do Caes (Centro de Aperfeiçoamento de Estudos Superiores), coronel Luiz Eduardo Pesce de Arruda, na sede do Centro, em São Paulo (SP), no dia 5 de março.

O primeiro projeto elaborado pelo Centro é um Mestrado Profissionalizante em Segurança Pública, encaminhado em março para a aprovação da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). “Nossa instituição tem um histórico de pesquisas na área. Contudo, falta o reconhecimento por parte dos órgãos competentes. E a

Daniel Patire



O coronel Arruda e a reitor Herman assinam o convênio: parceria na área de segurança pública

Unesp irá nos auxiliar na adaptação dos currículos”, diz o coronel.

A proposta foi redigida por uma equipe da Pró-reitoria de Pós-Graduação (Propg) da Unesp, coordenada pelo

professor Eduardo Kokubun. Desde dezembro, o grupo visita o Centro e analisa os trabalhos produzidos. “O Centro desenvolve pesquisas importantes sobre violência, que, com essa iniciativa, terão a

possibilidade de ser publicadas em periódicos relevantes”, destaca Kokubun.

Outras parcerias – O coronel Arruda é também um dos integrantes do grupo de pesquisa Gestão Urbana de Trabalho Organizado (Guto), da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus da Unesp de Marília, que estuda e diagnostica os casos de violência relatados em boletins de ocorrência, numa parceria mantida com a PM desde 1999.

Os professores e alunos, coordenados por Sueli Andruccioli Felix, diagnosticam as ocorrências e propõem ações preventivas integradas entre universidade, órgãos de segurança, poder público e comunidade. “Aproximação da academia e da polícia possibilita a elaboração de novas formas de combate à criminalidade e à violência”, diz Sueli.

Daniel Patire

PESQUISA

Centro de Araraquara integra projeto do CNPq

CMDCM foi escolhido como um dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia

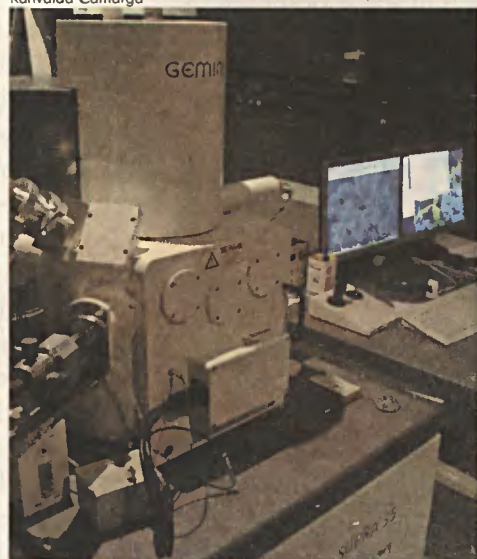
O Centro Multidisciplinar de Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC), do qual faz parte o Laboratório Interdisciplinar de Eletroquímica e Cerâmica (Liec), do Instituto de Química (IQ), câmpus de Araraquara, foi escolhido pelo CNPq para ser um dos novos INCTs (Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia).

No dia 4 de fevereiro, foram anunciados 22 novos projetos de INCTs, que agora chegam a 123 no Brasil. O objetivo dos institutos é estimular a integração de centros de excelência que atuam em áreas estratégicas para o desenvolvimento do país.

O recém-criado Instituto Nacional de Ciência dos Materiais em Nanotecnologia, por exemplo, garantirá os recursos para que o CMDMC estreite suas parcerias com grupos de pesquisa em Brasília, Goiás, Maranhão, Paraíba, Paraná, Piauí, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro.

“Os novos recursos permitirão que as atividades do laboratório sejam esten-

Rivalda Camargo



Atividade do grupo terá obrongência nacional

didas do nível estadual para o nacional”, explica o químico teórico Élson Longo, docente do IQ e diretor do CMDMC.

Além do Liec, da Unesp, grupos de pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) compõem o CMDMC. Além de cerâmica eletrônica, o grupo cria materiais para várias aplicações industriais, como células de painéis solares, memórias ferroelétricas e sensores.

Igor Zolnerkevic

PÓS-GRADUAÇÃO

Um site sobre gestão e política educacional

Espaço contém legislação, dados e sites úteis para diversos especialistas

O Lenesp, site que contém legislações, documentos, informações e sites relacionados à política e gestão educacional, foi lançado, no final do ano passado, pelo grupo Informática Aplicada à Gestão Educacional (Iage) e Laboratório de Política e Gestão Educacional, ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara.

“Trata-se de um banco de dados que reúne documentos e fontes de informação relevantes para política e gestão educacional, nos âmbitos global, nacional e estadual”, afirma Cláudio Gomide, docente da FCL e coordenador do Iage. O objetivo é melhorar os mecanismos de busca para alunos de graduação e pós-graduação, profissionais, professores, pesquisadores, gestores e dirigentes da área educacional, bem como para profissionais de Direito e áreas relacionadas.

Apenas no Estado de São Paulo, o segmento de gestores educacionais en-

Divulgação



Gomide destaca melhora de mecanismos de busca

volve cerca de 20 mil pessoas. O projeto nasceu de um convênio firmado entre a Unesp e o Conselho Estadual de Educação de São Paulo, para o desenvolvimento de uma base de dados sobre os atos e deliberações da entidade.

A atualização das informações está a cargo dos grupos de pesquisa, mas a idéia é que ela aconteça também por meio das sugestões dos usuários e que o portal reúna a legislação de outros Estados e dados sobre outros países.

O endereço do site do Lenesp é <http://iage.fclar.unesp.br/lenesp/>



DEFICIÊNCIA VISUAL

Ensino de Física

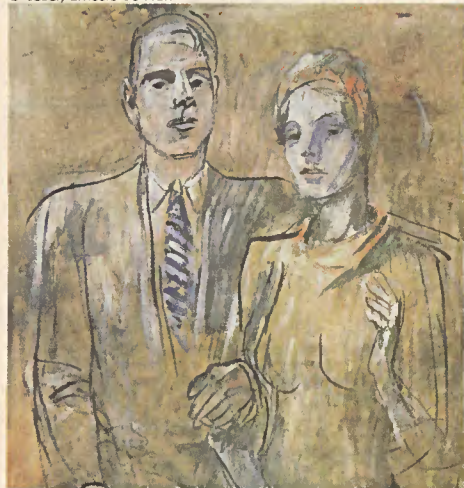
O livro é resultado das pesquisas do autor, Eder Pires de Camargo, docente da Faculdade de Engenharia, câmpus de Ilha Solteira, entre 1997 e 2006. Apresenta um posicionamento teórico sobre a deficiência visual e enfoca as concepções alternativas de pessoas cegas. São enfatizadas as principais dificuldades e alternativas vivenciadas por futuros professores, no planejamento de atividades de ensino de Física adequadas aos alunos com deficiência visual, e descritos procedimentos para a elaboração e condução de atividades de ensino de Física para alunos cegos ou com baixa visão.

Ensino de física e deficiência visual: dez anos de investigações no Brasil — Eder Pires de Camargo; Editoro Plêiade e Fopesp; 208 páginas; R\$ 16. Informações: info@editorapleiade.com.br; www.editorapleiade.com.br, (11) 2579-9863/9865.

Experimento do professor Comargo



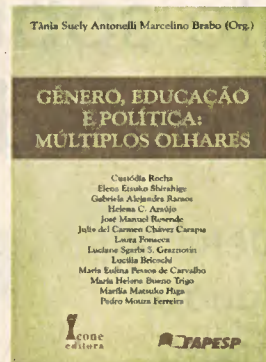
O casal, Ernesto de Fiori



DIREITOS HUMANOS

Relações de gênero

Este livro tem como objetivo aprofundar a reflexão sobre questões de gênero, educação e política. O princípio maior que motiva a publicação é o respeito aos direitos humanos de todos e todas em qualquer circunstância. A obra, organizada pela pedagoga Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo, da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília, mostra como algumas das bandeiras de luta dos movimentos feministas dos anos 1970 e 1980 ainda estão em pauta, porque não se concretizaram, afirma. A publicação reúne textos de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e de outros países que comungam das mesmas inquietações e se dedicam a entender a dinâmica das relações de gênero.



Gênero, educação e política: múltiplos olhares — Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo (organizadora); Ícone Editora; 272 páginas; R\$ 24. Informações: (11) 3392-7771 e www.iconeeditora.com.br

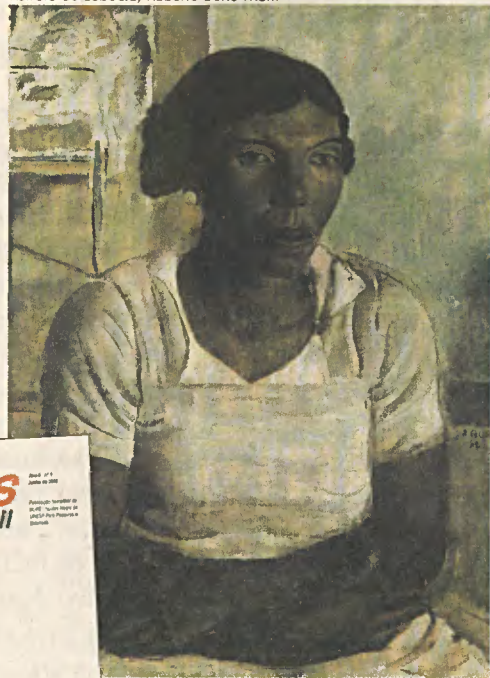
QUESTÕES ÉTNICAS

Visões sobre os negros

A mais recente edição da revista *Ethnos Brasil*, publicação semestral do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (Nupe), enfoca temas fundamentais sobre população negra e relações étnicas. A revista enfoca temas polêmicos como a construção etnocêntrica do conceito de cidadania, analisada por Amauri Mendes Pereira, da Universidade Estadual da Zona Oeste (RJ). A prática pedagógica do movimento negro é o tema de Ana Beatriz Sousa Gomes, das Universidades Federais do Ceará e do Piauí, em parceria com o organizador da publicação, Henrique Cunha Junior, da UFC (Universidade Federal do Ceará). Antônio Carlos dos Santos, mestre em História pela Unesp de Assis, analisa as fontes iconográficas como contribuição para uma história da música no Brasil.

Revista Ethnos Brasil — Publicação semestral do Nupe; Ano 6, n.º 1, junho de 2008; 138 páginas; R\$ 10; (11) 5627-0551. Informações: vilmass@reitoria.unesp.br www.unesp.br/proex/nupe

Retrato de cabocla, Roberto Burle-Max



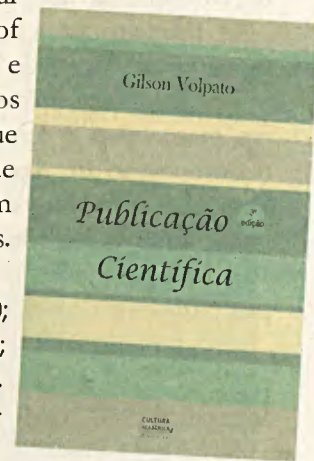
CIÊNCIA

Como e onde publicar

A partir de sua experiência nas áreas de Filosofia da Ciência, Metodologia e Redação, o biólogo Gilson Volpato, do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, lança a terceira edição deste livro. Em cinco capítulos, a obra enfoca as bases teóricas para a publicação de artigos científicos, a avaliação da qualidade e o como publicar, além de bibliografia especializada. Reformulada, esta edição está estruturada em forma de perguntas e respostas. Editor-chefe da Annual Review of Biomedical Sciences (ARBS) e assessor científico de periódicos internacionais, ele acredita que os problemas de qualidade que afetam a redação científica têm raízes em equívocos conceituais.



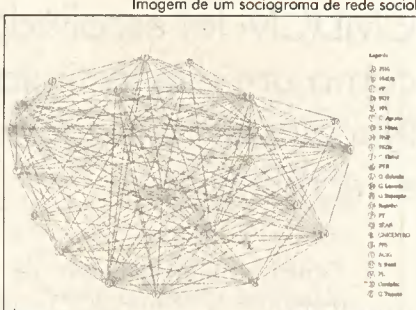
Publicação científica — Gilson Volpato; Cultura Acadêmica Editora; 125 páginas; R\$ 30. Informações: www.editoraunesp.com.br ou bwlvirorio@gmail.com



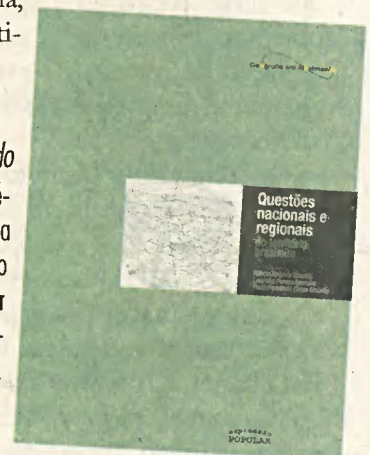
GEOGRAFIA

Escalas de território

Com foco nas ciências humanas, este livro discute questões que permeiam o ordenamento geoeconômico do território nacional, identificando problemas e propondo alternativas em escala regional e nacional. A obra foi organizada por Márcio Rogério Silveira e Paulo Fernando Cirino Mourão, da unidade de Ourinhos, e por Lisandra Pereira Lamoso, da Universidade Federal da Grande Dourados (MS). A coletânea foi pensada no âmbito do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infra-estrutura (Gedri). “É uma obra que atende aos interesses de diversos segmentos científicos, como geografia, história, economia, sociologia e ciências políticas”, diz Silveira.



Questões nacionais e regionais do território brasileiro — Márcio Rogério Silveira, Paulo Fernando Cirino Mourão e Lisandra Pereira Lamoso (organizadores); Expressão Popular e FCT; 352 páginas; R\$ 20. Informações: www.expressaopopular.com.br, (11) 3112-0941, (11) 3229-5352/3223-4519.



Mudanças do carnaval em SP

Festejos, inicialmente ligados às elites, conquistaram população

OSCAR D'AMBROSIO

Versão revista de tese de livre-docência na área de História do Brasil defendida por Zélia Lopes da Silva na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfose de uma festa (1923-1938)* dá continuidade aos estudos e publicações da pesquisadora desenvolvidos a partir da década de 1970.

Zélia mostra como, no período, a festa, inicialmente vinculada à elite, foi ganhando espaço entre os segmentos populares. O foco inicial é lançado nos anos 1920 e nas fantasias criadas pelos foliões em espaços públicos, como salões de clubes e brincadeiras de rua. É lembrado que a rotina dos folguedos sofreu alteração em 1923, por regras duras de controle impostas pelo governo de Artur Bernardes, que tomara posse sob a sombra dos motins militares sufocados do ano anterior.

Em seguida, a historiadora discute os carnavais dos anos 1930. Analisa as metamorfoses dos festejos, inclusive com as sequelas do golpe de Estado de Vargas de 1937 no carnaval do ano seguinte, com censura não só aos órgãos de imprensa, mas também à livre circulação das pessoas – o que resultou num refluxo do carnaval de rua.

É enfatizado que, nos anos 1920 e 1930, os festejos eram praticados pelas famílias endinheiradas

com patrocínio das sociedades carnavalescas, que exibiam ricos carros alegóricos. Os blocos populares se ampliam no período, quando a festa sofre profundas modificações.

Surgiram regras definidas para os desfiles e para a participação em concursos e premiações. São criadas também as comissões julgadoras oficiais, formadas por poetas, músicos e artistas plásticos, além de representantes dos poderes públicos.

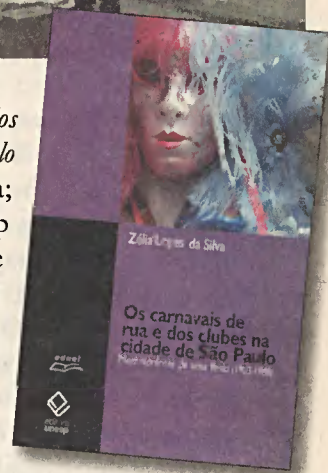
O carnaval foi se firmando como festa nacional e atraiu o interesse econômico do comércio, da indústria e dos meios de comunicação de massa.

O livro, com amplo material iconográfico, que inclui fotos da época, ilustrações de Belmonte e pinturas de Arthur Timóteo da Costa, entre outros, conclui como o resultado desse processo foi o modelo do carnaval show praticado hoje, principalmente pelas escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo.



Reprodução

Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo
– Zélia Lopes da Silva;
Editora da Unesp
e Editora da Universidade
Estadual de Londrina;
268 páginas; R\$ 48.
Informações:
www.editoraunesp.com.br
ou telefone (11) 3242-7171.



LITERATURA

Luanda, uma cidade na ficção

Leitura de mais de 200 textos mapeia influência da capital na identidade angolana

Desde os anos 1990, Tania Macedo estuda a predominância de Luanda na literatura de Angola. Em *Luanda, cidade e literatura*, a pesquisadora alinhava diversos estudos sobre o tema, mostrando suas contradições e as diferentes maneiras como ela é tratada por escritores locais.

Destaca, por exemplo, a presença na capital de locais como a Baixa, com numerosas construções do período colonial português dispostas em ruas antigas e estreitas. Há, porém, uma outra Luanda nos edifícios erguidos pós-1975, ano da independência do país, como o Palácio do Congresso e os Largos 1.º de Maio e do Kinaxixi. Existe ainda outro universo, o dos mercados livres, que levam nomes oriundos da programação da televisão brasileira, como Roque Santeiro e Os trapalhões.

Livre-docente em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Assis, professo-

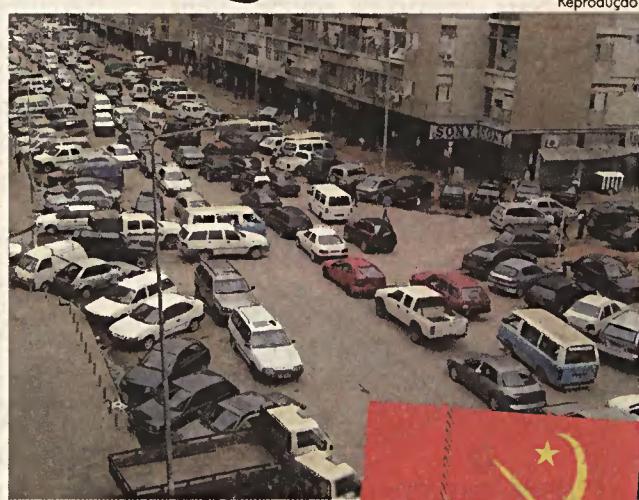
ra de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na USP e colaboradora no mestrado em Letras da Universidade Agostinho Neto, de Angola, Tania estuda quatro momentos principais, cada um deles ligado a um momento da história de Angola.

Primeiro, examina o período anterior à chegada dos europeus. Focaliza a oratura e discute sua presença na literatura escrita no país hoje. Depois, acompanha as produções literárias no início da colonização portuguesa, quando as criações seguem os modelos técnicos e formais da metrópole.

Num terceiro momento, surge a tomada de consciência da colônia que luta por ser sujeito de sua própria história. Tania destaca, por exemplo, a narrativa Nga Muturi, de Alfredo Troni. Finalmente, debruça-se sobre a produção literária dos últimos 50 anos, detendo-se em alguns dos espaços, como o mercado, e tipos (quitandeiras, prostitutas, crianças e malandros).

Ao todo, a jornada literária pela capital inclui a leitura e análise de mais de 200 textos (contos, crônicas, novelas e romances), para entender como essa produção contribui para a construção de uma expressão nacional.

O.D.



Reprodução

Luanda, cidade e literatura –
Tania Macedo;
Editora da Unesp;
238 páginas;
R\$ 39 Informações:
www.editoraunesp.com.br
ou telefone
(11) 3242-7171.



Equipe vence Desafio Sebrae Internacional

Alunos de Sorocaba concorreram com universitários do Brasil e de sete países da América do Sul

Mércia Gouthier/ASN



Nars, Rodrigues e Silva (da esq. para a dir.) comemoram anúncio do resultado durante evento

Após vencer as etapas estadual e nacional do Desafio Sebrae 2008, a equipe da Unesp "Costela no Bafo", formada por alunos do câmpus de Sorocaba, conquistou a etapa internacional da competição de estratégias para o empreendedorismo. O resultado foi divulgado no dia 19 de março, no Rio de Janeiro, onde ocorreu a disputa, com a presença do prefeito da cidade Eduardo Paes e do presidente nacional do Sebrae, Paulo Okamoto. É a terceira vez que uma equipe brasileira vence o evento, realizado desde 2002.

"O prêmio mais valioso foi a aprendizagem ao longo da disputa, como entender que é preciso humildade para aceitar o novo", afirmou Rafael de Souza Nars, capitão da equipe. Além dele, o grupo é composto por Bruno Barreto Rodrigues, Rodrigo Constant da Silva, Sérgio Henrique Alves e Érico Vicente Ciancio. Os dois últimos não puderam participar dessa fase da competição, segundo o capitão.

A disputa – A edição 2008 do Desafio Sebrae Internacional reuniu universitários brasileiros e de outros sete países da América do Sul. Em dois dias, os participantes deveriam apresentar a melhor estratégia para montar uma empresa de calçados femininos, na situação de crise internacional.

Segundo os avaliadores, os alunos da Unesp conseguiram vencer os desafios com mais rapidez, tomando as melhores decisões e oportunidades. "Com a estratégia de começar pequeno, conseguimos vender mais, equilibrar o orçamento e pagar os empréstimos", contou Rodrigues. "Quando perdemos o controle da situação em algumas etapas, soubemos ultrapassar as adversidades."

No encerramento da premiação, Okamoto deixou uma mensagem aos participantes: "Agora, está com vocês a responsabilidade de ser um exemplo para a construção de um sistema social mais justo e uma economia mais forte", disse.

Julio Zanella

Evolução da corrida dos 100 metros

Estudante de Rio Claro conquista prêmio por levantamento histórico sobre competição

A prova dos 100 metros rasos, que consagrou nomes como o recordista jamaicano Usain Bolt, passou por vários aperfeiçoamentos em sua história, da posição de largada até o preparo técnico dos competidores. As mudanças numa das disputas mais conhecidas do atletismo são o tema de estudo de Guy Ginciene, quartanista do curso de Educação Física do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro.

Por seu trabalho, orientado pela docente do IB Sara Quenzer Matthiesen, o estudante conquistou o prêmio Pesquisador Jovem do Instituto Phorte, no final de 2008. Ginciene vem fazendo um levantamento histórico sobre a competição, abordando regras, técnicas, records, vestuário e a própria estrutura da prova, com o objetivo de fornecer material de ensino para docentes da área. "Queremos motivar o professor de Educação Física a ensinar a corrida de 100 metros rasos", esclarece ele.

Ginciene destaca em sua pesquisa o equipamento conhecido como bloco de partida, no qual o atleta apóia os pés, que inicialmente não existia no esporte e hoje é usado como regra. Segundo o estudante, antigamente também não havia uma norma para a largada. "O corredor poderia sair em qualquer posição, mais ou menos inclinado", explica. "Atualmente o corredor tem que largar com as duas mãos apoiadas no chão e os dois pés no bloco de saída."

Integrante das atividades do Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (Geppa), o aluno recebeu como prêmio, entregue em novembro último em evento na USP, uma bolsa de estudos de língua estrangeira na escola Seven Idiomas. "Ginciene tem se dedicado e colaborado com a organização de material didático e de atividades capazes de subsidiar o trabalho de professores da área", diz Sara.

Fabiana Manfrim



Ginciene pretende motivar professores de Educação Física a ensinar seus alunos sobre corrida



EVENTOS

- 6 a 8/04 - Botucatu.** Simpósia sobre Meia Ambiente e Direita Ambiental. Na auditória Prof. Paula Radalfa Leapalda, na Fazenda Experimental Lageada. Informações: www.fca.unesp.br
- 8/04 a 10/06 - São Paulo.** Curso de extensão universitária: Cinema e Identidade na América Latina. Na auditória da Anexa das Congressistas. Inscrições: 9/02 a 31/03, das 10 h às 18 h. Informações: www.memorial.sp.gov.br
- 12/04 - Presidente Prudente.** Trekking Interativa. Na câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br
- 13/04 a 17/04 -** Curso de Treinamento em Métadas de Diagnóstica e Cantrale de Brucelase e Tuberculase Animal e de Nações de Encefalapatia Espangifarme Transmissível. Informações: Setar de Eventas - Funep; (16) 3209-1300; www.funep.cam.br, eventas@funep.fcav.unesp.br
- 13 a 18/04 - Presidente Prudente.** Semana da Índia. Na câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br
- 23 a 25/04 - Botucatu.** VIII Warkshop da Pós-Graduaça "Ciências, Mercada e Saciedade". Informações: <http://www.ibb.unesp.br/eventas/wspg/index.php>
- 23 a 25/04 - Rio Claro.** IV Simpósia de Micrabiologia Aplicada. Na Instituta de Bio-ciências. Inscrições abertas até dia 15/04. Informações: <http://www.rc.unesp.br/ib/simpasiamicra/>
- 24 e 25/04 - Botucatu.** II Simpósia Internaciona de Nutriçã de Ruminantes. Na câmpus. Informações: http://www.fmzv.unesp.br/Eventas/Nutr_ruminantes/int_eventa_NutrRuminantes.php
- 28/04 - São Paulo.** Exposiça da Labaratória de Design Solidária da Faac de Bauru. Na Hall da Reitaria. Informações: (11) 5627-0269.
- 28 a 30/04 - Araraquara.** I Caláquia Vertentes da Fantástica na Literatura. Na câmpus. Informações: lem@fclar.unesp.br, (16) 3301 6226 ou http://members.tripad.com/valabuef/eventa_calaquia_vertentes09.htm
- 29/04 - Guaratinguetá.** Palestra "Galáxias", par Jacques Lépine. Nas anfiteatras II e III das 18h às 19h. Informações: www.feg.unesp.br/~arbital

Informações para esta agenda: fabianam@reitoria.unesp.br

ERRAMOS

O *Jornal Unesp* n.º 242, de março de 2009, na reportagem "Universidade como foco de desenvolvimento", págs. 8 e 9, informou erroneamente que Márcio Rogério Silveira é docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente. Na verdade, ele é professor do câmpus de Ourinhos, onde também está a sede do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infra-estrutura (Gedri), que Silveira coordena. Em Presidente Prudente, o docente apenas ministra aulas no curso de pós-graduação em Geografia.

Ainda na edição de março, na reportagem "A ilusão vendida em livros de auto-ajuda", publicada na pág. 6, a foto não é de Anna Flora Brunelli, docente do Ibilce/São José do Rio Preto, pesquisadora do estudo enfocado, mas de Carla Giani Martelli, da FCL/Araraquara, autora do livro *Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso*, editado em 2006 pela Argonue Editorial, a partir de sua tese de doutorado, objeto de matéria na edição do *JU* 202, de julho/2005, e disponível em <http://www.unesp.br/acil/jornal/202/ajuda.php>



Inovação no vestibular da Unesp

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR

"Atualmente, a irracionalidade da decoreba e das pegadinhas serve de álibi para quem ensina mal" (Folha de S. Paulo, 22/03/09, p.A 10).

Informação é um dos pilares básicos da cidadania, o que justifica o uso do nosso espaço para reforçar as informações a respeito do novo formato do Vestibular da Unesp.

Após muitos estudos e discussões, foram aprovadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), em sessão de 19 de março, a mudança formal e implicações decorrentes no Vestibular da Unesp. O novo sistema divide as provas, antes feitas em três dias seguidos, em duas fases. A primeira, eliminatória – de conhecimentos gerais e múltipla escolha –, seleciona entre quatro e seis candidatos por vaga; a segunda, em dois dias, é discursiva e mais específica, ponderando-se conforme a escolha de curso. Ambas as fases adotarão a nomenclatura dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) nas três grandes áreas: Ciências da natureza, Matemática e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias, reservando-se o terceiro dia para Língagens, códigos e suas tecnologias e ainda uma redação dissertativa em Língua portuguesa.

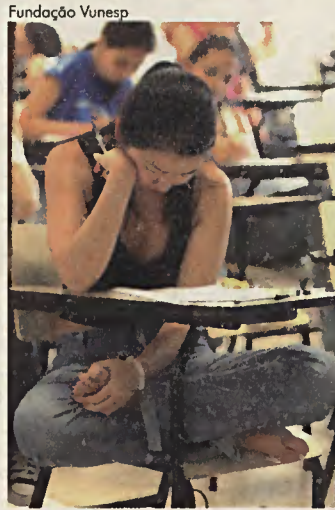
A inovação reside na conexão mais intensa com o ensino médio, na ampliação da inclusão universitária e na preservação do princípio do

mérito acadêmico. A conexão com o ensino médio significa enfrentar duas questões básicas. Primeiro: elaborar as provas de seleção sem ultrapassar a grade curricular no nível das questões, buscando também a interdisciplinaridade, alargando horizontes e oportunidades e por consequência ampliando a mentalidade dos elaboradores e corretores das provas.

Por outro lado, não admitir o rebaixamento do necessário nível de saberes. Segundo: preservando o mérito acadêmico, buscar formas de promover a inclusão social por meios que elevem as condições intelectuais da população carente e não o caminho inverso, rebaixando o nível da exigência universitária. Cremos que a Unesp tem sido coerente com essa prática. A política afirmativa por meio da Proex tem sido extensa e incansável. O

programa de cursinhos preparatórios gratuitos nas unidades representa um esforço apreciável para viabilizar o ingresso. As bolsas de auxílio ao estudante carente, somadas aos restaurantes universitários, viabilizam a ascensão de muitos ingressantes de baixa renda.

As metas implícitas nas mudanças de nosso Vestibular, para além de simples nomenclaturas, revelam intenções objetivas de racionalizar e tornar mais acessível o ingresso na Unesp, sem comprometimento da progressão científica da universidade.



Fundação Unesp



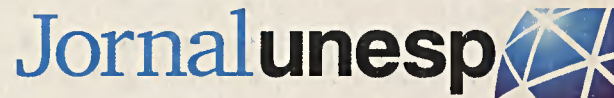
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

- Reitor: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
- Vice-reitor: Julio Cezar Durigan
- Chefe de Gabinete: Carlos Antonio Gamero
- Pró-reitor de Administração: Ricardo Samih Georges Abi Rached
- Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
- Pró-reitor de Grodução: Sheila Zambello de Pinho
- Pró-reitor de Pesquisa: Maria José Soares Mendes Giannini
- Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
- Secretária-gerol: Maria Dalva Silva Pagotto
- Assessor de Planejamento e Orçamento: Trajano Pires da Nóbrega Neto
- Assessor de Relações Externas: José Celso Freire Junior
- Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa: Maurício Tuffani
- Assessor-chefe da Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
- Assessor-chefe da Assessoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
- Assessor Especial de Planejamento Estratégica: Rogério Luiz Buccelli
- Diretores/Coordenadores-executivos dos Unidades Universitárias: Pedro Felício Estrada Bernabé (FO-Araçatuba), Sandro Roberto Valentin (FCF-Araraquara), José Claudio Martins Segalla (FO-Araraquara), José Luis Bizelli (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Mório Sérgio Vasconcelos (FCL-Assis), Roberto Deganutti (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Edivaldo Domingues Velini (FCA-Botucatu), Sérgio Swain

Müller (FM-Botucatu), Renato Eugênio da Silva Diniz (IB-Botucatu), Luis Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Mório de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Júlio Santana Antunes (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Raul José da Silva Girio (FCAV-Jaboticabal), Mariângela Spoti Lopes Fujita (FFC-Marília), Paulo Fernando Cirino Mourão (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Luiz Carlos Santana (IB-Rio Claro), Antonio Carlos Simões Pião (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custodio Cortez Thomaz (Rosana), Carlos Roberto Ceron (Ibilce-São José do Rio Preto), José Roberto Rodrigues (FO-São José dos Campos), Marcos Fernandes Pupo Nogueira (IA-São Paulo), Marcos Hikari Toyama (CLP-São Vicente), Antônio César Germano Martins (Sorocaba) e Gessuir Pigatto (Tupã).



Governador: José Serra
SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: Carlos Vogt



- Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
- Editor: André Louzas
- Redação: Daniel Patire, Danilo Koga, Dênio Maués, Genira Chagas, Igor Zolnerkevic, Julio Zanella, Maristela Games e Renato Coelho
- Programação Visual: RS PRESS Editora
- Edição de arte: Leonardo Fial (RS PRESS)
- Diagramação: Gabriel Rabesco (RS PRESS)
- Colaboraram nesta edição: Rorivaldo Camargo (fotografia); Fabiana Manfrim e Giovana Girardi (texto)
- Produção: Mara Regina Marcato
- Apaio Administrativo: Thiago Henrique Lúcio
- Revisão: Maria Luiza Simões
- Versão on-line: Paulo Rocha
- Tiragem: 25.000 exemplares
- Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
- Endereça: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
- Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>
- Fatalita e Impressão: Arte Brasilis





Cidadania com arte

Grupos oferecem cursos e oficinas para prevenir violência entre crianças e jovens carentes

Por meio da promoção da arte e da cultura, iniciativas orientadas por docentes da Unesp buscam fortalecer a noção de cidadania e prevenir a violência entre menores carentes. Propostas desenvolvidas em algumas unidades são exemplos de apoio a crianças e adolescentes em situações de risco.

Uma delas é o projeto Escola Livre, da professora Sueli Aparecida Itman Monteiro, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara. Ela coordena um grupo de alunos de graduação e pós-graduação que atua em duas escolas, uma na periferia da cidade e outra em São Carlos, organizando oficinas de teatro de fantoches, música, dança e artes plásticas para jovens e crianças desassistidos.

"A idéia é humanizar o combate à violência nessa população, sendo que a arte e qualquer tipo de manifestação cultural servem como um código de prote-

ção aos valores humanos na sociedade", afirma Sueli. "Sem as atividades, esses jovens estariam expostos aos riscos da violência e sendo recrutados pela criminalidade e a prostituição." O grupo também dá dicas sobre orientação jurídica, pedagógica e sexual aos pais dos participantes do projeto.

Prevenção da gravidez – Outra iniciativa oferece aulas de balé clássico a meninas de comunidades de Bauru e Botucatu, onde é alto o índice de gravidez na adolescência. Segundo a responsável pelo projeto, a professora Ana Flora Zonta, da Faculdade de Ciências, câmpus de Bauru, a meta é fazer com que, por meio da dança, elas adquiram maior consciência corporal, com impacto nos comportamentos sexuais e na prevenção da gravidez precoce.

Orientadas por estudantes de graduação, cerca de 600 meninas já freqüentaram o curso. "É uma oportunidade de elas passarem a ver o mundo e suas próprias vidas de uma maneira diferente", observa Ana. Entre os principais reflexos da atividade cultural na vida das adolescentes, ela aponta um maior cuidado com o corpo, envolvimento e disciplina na escola.

Em Bauru, num trabalho coordenado pelo artista



1 – Adolescentes que freqüentam aulas de balé, voltadas para comunidades de Bauru e Botucatu; 2 – Rapazes profícos em pintura em projeto que atende escolas de Araraquara e São Carlos; 3 – O professor Laranjeira (dir.) ensina técnica de confecção de instrumenta de percussão, em Bauru

plástico José dos Santos Laranjeira, professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), alunos do Núcleo de Pesquisa no Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais oferecem técnicas de entalhe em madeira para confecção dos instrumentos de percussão e malabarismo, além de ensinar exercícios acrobáticos para crianças e jovens de uma favela da cidade.

"Exploramos o potencial artístico desses jovens para estimular a criatividade e observação, a sensibilidade estética e a reflexão intelectual", observa Laranjeira. "É um projeto que possibilita o cumprimento da responsabilidade social, a intervenção direta numa realidade problemática, e estimula a auto-estima dos participantes", acrescenta.

Resultados – Criada em 2003, a proposta coordenada por Sueli já beneficiou cerca de dois mil jovens. A partir de 2005, o projeto passou a atender adolescentes infratores do Programa de Liberdade Assistida, em São Carlos. "O objetivo é estabelecer diretrizes de ação na prevenção das práticas que levam à infração", diz a docente. "A escola, da forma como está, não supre as demandas dos jovens, que passam a procurar as ruas."

Com orgulho, ela informa que a ação de sua equipe já revelou talentos no campo da arte. "Vários seguiram a carreira artística, sendo que um deles até participou de uma exposição em São Paulo", relata. Ana também enfatiza os frutos do esforço de seu grupo, ressaltando que, recentemente, quinze garotas participaram de uma apresentação de dança no teatro municipal de Botucatu.

Embora os jovens que integraram seu projeto não tenham se tornado artistas, Laranjeira ressalva que muitos seguiram atividades profissionais que utilizam habilidades manuais. O docente, porém, lamenta que o trabalho, que nasceu para prevenir a violência, esteja sendo derrotado por ela. Suas atividades foram recentemente interrompidas devido às ameaças feitas por criminosos da favela.

Julio Zanella

Colaborou Genira Chagas

Inclusão social pela música

Um projeto desenvolvido no Instituto de Artes (IA) vai propiciar o ensino de música a jovens de comunidades carentes dos arredores do novo câmpus de São Paulo, a partir de 2010. O objetivo é promover a integração da Universidade com a população, por meio do ensino coletivo de instrumentos de corda para adolescentes.

"É uma forma de a Universidade contribuir para a inclusão social", destaca o docente e maestro Luiz Amato, responsável pela iniciativa. Atualmente, ele se dedica ao treinamento de um novo método de

ensino coletivo de instrumentos musicais para 40 monitores que irão ministrar o curso, muitos deles alunos de música do IA. A meta é abrir 80 vagas por semestre.

O envolvimento de Amato na proposta vem da sua participação como consultor do Projeto Meu Guri, criado pelo Governo do Estado, em 1995, para inclusão de jovens de oito a dezoito anos por meio do ensino coletivo da música, com a formação de orquestras-escola, corais e grupos musicais.

J.Z.